

Ceilândia

Resgate Histórico



**Cadernos
de Pesquisa**

**Número 10
Brasília - 2003**

**RT
930.2
(817.4C)
A772c
ex.02**

Governador do Distrito Federal
Joaquim Domingos Roriz

Vice-governadora
Maria de Lourdes Abadia

Secretário de Estado de Cultura
Pedro Henrique Lopes Bório

Superintendente do ArPDF
Zeneide de Sousa Pantoja

Chefe de Gabinete
Luiz Fernando C. Silva



Vista de Ceilândia (Caixa D'água).
Autor: Não identificado.
Data: 11/01/1973.
Reprodução: Luiz Borges Neto.
Fundo: SCS.



Vista Parcial de Ceilândia (Caixa D'água).
Autor: Luiz Borges Neto.
Data: 27/05/2002.
Fundo: ArPDF.

CEILÂNDIA: resgate histórico

Arquivo Público do Distrito Federal

Coordenação

Silvia Regina Viola de Castro

Pesquisadores

Silvia Regina Viola de Castro - Viviane Irene Fonseca Dornas

Revisão

Conselho Editorial do Arquivo Público do Distrito Federal

Apoio Técnico

Doranilde Barbosa - Elaine Marly Leal Lima

Apoio Logístico

Clêmia Lucas de Barros Teixeira - Deuzíria de Carvalho Soares - Edinaldo Menezes Viana - Helcy Fátima Bonifácio Perez Nunes - José Roberto Carlos Silva - Justino Moura de Sousa - Lydia Fernandes Borges - Luiz José Borges Neto - Paulo César Gusmão - Sebastião Brun Filho - Ana Rogéria Martins Oliveira - Maria Auxiliadora Santana - João Paulo Alencar Monteiro - Zeneide Mendes Pereira.

Projeto Gráfico/Capa

Aldair S. Couto

Formato fechado

19X24 cm.

Papel

Capa: couchê 180g/m2

Miolo: off-set 90g/m2

Tiragem

2.000 cópias

Impressão

Gráfica e Editora Suprema

SIGT - Conjunto "C" - Lote 11 - Taguatinga-DF

PABX: (61) 336-3520 / 336-1345

E-mail: grafeditsuprema@zaz.com.br

RT
930.2(817.4C)
A772C
ex.02

Arquivo Público do Distrito Federal.

Ceilândia : resgate histórico / Coordenação Silvia Regina Viola de Castro.

- Brasília : ArPDF, 2003. 48 p. - (Cadernos de Pesquisa; 10).

ISSN 1413-2524

ISBN 85-85245-25-5

1. Brasília - História. 2. Ceilândia (DF) - História. 3. História Oral - Entrevistas.

CDU - 930.2(817.4C)

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL
DIRETORIA DE PESQUISA

CEILÂNDIA: resgate histórico

Caderno de Pesquisa; 10

Brasília
Arquivo Público do Distrito Federal
2003

Agradecimentos

Às pessoas e às instituições que colaboraram direta e indiretamente na busca da verdade e no resgate da história vivenciada pelos primeiros moradores da Ceilândia. Homenageia-se também, toda a população desta Região Administrativa, presente ou não neste trabalho, contribuintes ativos à formação e consolidação da cidade.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	09
2.	INTRODUÇÃO	11
3.	HISTÓRICO	13
4.	DEPOIMENTOS	23
	Albino Antônio Maneiro	23
	Ana Maria de Jesus	24
	Antônia Alves da Silva (Toinha)	24
	Dalva Afonso Nunes Rodrigues	26
	Domingos José Borges	26
	Edite Martins Farias	27
	Eliezer Marques Ribeiro	28
	Francisca Coelho Pereira	29
	Francisco das Chagas Nogueira (França)	30
	Gonçalo Gonçalves Bezerra (poeta Gongon)	31
	Ilton Ferreira Mendes	32
	José Matão	33
	Luiz Gonzaga Ribeiro Lobão	34
	Luzimar Oliveira	35
	Manoel Luiz Borges	35
	Maria das Graças Pimentel	36
	Maria de Lourdes Abadia	37
	Maria do Socorro Pires	41
	Pedrina Oliveira Coelho	42
	Severina Etelvina do Nascimento	43
	Severino Bezerra da Silva	44
	Severino Ramos de Lima (Raminho do Baião)	44
	Ziná Caetano de Souza	47
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. APRESENTAÇÃO

Ao ler os originais do Caderno de Pesquisa nº 10 Ceilândia: Resgate Histórico, senti-me tomado de emoção, principalmente pelo depoimento dos pioneiros. Emoção e nostalgia; a emoção ocupou a minha mente, a nostalgia ocupou meu coração.

Registre-se, aliás, o importante trabalho do Arquivo Público do Distrito Federal em resgatar e preservar o magnífico acervo de depoimentos, integral, de todos os pioneiros, esse material encontra-se à disposição de todos, parabéns.

A riqueza do trabalho, portanto, está no depoimento dos pioneiros, sensíveis e sinceros relatam suas vidas, simples, humanas, humildes; a saga de cada um. E a imaginação alça vôo, Maria de Lourdes Abadia tem muito a nos contar, sua saga ali começou e ainda não terminou. Ela fica nos devendo um mega-depoimento.

Também vou prestar um depoimento, peço licença pela intromissão, para contar um fato. Certa vez Maria de Lourdes convidou-me para assistir uma partida de futebol em certa manhã de domingo, marcamos encontro na Administração Regional da Ceilândia. Uma fina garoa caía, a sede da administração fechada, circudei o prédio, alguns bares, o vai-vem das pessoas e num canto uma senhora agachada cercada de meninos ensinava-os a plantar grama. Para minha surpresa era nada mais, nada menos que Maria de Lourdes, a filha de um jardineiro com as mãos sujas de terra transmitindo às crianças o amor pelas plantas, o amor pelo verde. Em outra ocasião fomos visitar um conjunto de casas populares em final de construção, a obra estava cercada, um pequeno escritório de madeira recebia as pessoas; o singular do projeto era o plantio de uma árvore em frente a cada residência, estávamos lá para verificar. O sorriso jovial e amistoso de Maria de Lourdes saudou um servente com um bom dia.

- Podemos entrar para ver a obra?

- Não, só com ordem da prefeita.

Sem arrogância, sem petulância disse simplesmente "- eu sou a prefeita".

Assim é, Ceilândia nasceu com amor, carinho e dedicação, um desempenho brilhante da prefeita Maria de Lourdes em favor dos desprotegidos e necessitados.

Ceilândia hoje tem forma, tem cara, tem estrutura. A saga da cidade é de luta, de vitórias, que briga para crescer.

Ceilândia - cidade e saga: SAGACIDADE.

Humberto Denucci

2. INTRODUÇÃO

O crescimento das antigas cidades satélites foi determinante para o resgate histórico das mesmas. O Programa de História Oral subsidiou a equipe técnica da Diretoria de Pesquisa na continuidade da Série - Cadernos de Pesquisa. O Projeto Ceilândia, norteador da presente publicação, objetivou a reconstituição dos primeiros anos da cidade (de 1971 até os dias de hoje), de acordo com as pesquisas documentais e os depoimentos orais dos moradores transferidos pela Comissão de Erradicação de Invasões a partir de 27 de março de 1971.

A publicação, em pauta, complementa o Caderno de Pesquisa n° 09 – **Núcleo Bandeirante: a cidade que nasceu livre** – considerando que a formação da cidade de Ceilândia tem a sua origem nos aglomerados humanos dos canteiros de obras da construção de Brasília e nos arredores da antiga “Cidade Livre”, hoje, Núcleo Bandeirante.

“Em 27 de março de 1971, Vera Prates da Silveira, mulher do então governador do Distrito Federal, Hélio Prates da Silveira, lançou a Campanha de Erradicação de Invasões – CEI, conseguindo transferir os moradores das Vilas do IAPI, Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo, além dos Morros do Querosene, Urubu, Placa da Mercedes e do Curral das Éguas. Surgia Ceilândia recebendo cerca de 80.000 mil habitantes que representavam 30% da população de Brasília. Foram 15.000 barracos demolidos e de aproximadamente nove meses de trabalho para efetivar a remoção.” (Arquivo, 2001, p. 14).

Ceilândia: um resgate histórico detalha os principais passos do surgimento da cidade, cujos depoimentos refletem o orgulho dos pioneiros que viram a cidade nascer, crescer e progredir, graças a garra de um povo. Ao mesmo tempo, apresenta características sócio-econômicas e demográficas da Região Administrativa IX – Ceilândia, localizada à 25 Km do Plano Piloto de Brasília, abrangendo, hoje, uma área de 230,33 Km² com uma população de 343.000 habitantes. (Anuário, 2002. CD).

A publicação vem assim, materializar a função social do Arquivo Público do Distrito Federal perante à comunidade local, nacional e internacional ao proporcionar acesso aos fatos historiográficos do Distrito Federal, principalmente quando tais fatos são narrados pelos agentes participativos da própria história, perpetuando a memória histórica da Ceilândia.

Torna-se necessário ressaltar que as citações com as abreviaturas DO referem-se aos depoimentos orais, resultados das entrevistas efetuadas pela equipe durante a execução do Projeto Ceilândia, os quais foram ordenados alfabeticamente.

3. HISTÓRICO

ORIGEM DA CIDADE E DO NOME

A construção de Brasília provocou um intenso fluxo migratório para o Planalto Central. Milhares de trabalhadores, de todos os cantos do Brasil, resolveram apostar no futuro, no desenvolvimento, juntamente com o então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira. A construção e inauguração da Nova Capital - a Meta Síntese de JK - era um cumprimento constitucional, sem dúvida, mas representava uma nova era histórica, uma nova esperança.

Desta forma, os migrantes foram chegando e pela falta de habitações populares construíram os seus barracos em áreas invadidas, originando as invasões populares das terras públicas do Distrito Federal.

Ceilândia é resultado desse fluxo migratório, da remoção das invasões e das favelas que foram surgindo nos canteiros de obras ou arredores da antiga 'Cidade Livre', atual Núcleo Bandeirante.

O governo federal acreditava que ao concluir as obras os trabalhadores retornariam aos seus estados. Ledo engano. A busca pelas melhores condições de vida foi muito mais forte.

Nas proximidades do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira surgiu a Vila IAPI, atual Museu Vivo da Memória Candanga, que somada aos agrupamentos favelados denominados Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão, Colombo, Morro do Urubu, Placa da Mercedes e outros formaram a denominada "grande invasão do IAPI".

Trechos dos depoimentos de pioneiros revelam as condições dessas invasões.

"...a vida lá na Vila IAPI era muito difícil, porque lá eram barracos e mais barracos, muito pequenininhos..., inclusive o meu era de tábuazinhas de caixas de maçã, quase de papelão... todo mundo que vinha de outros estados corria para a Vila... o governo estava preocupado... a condição lá era desumana...". (Silva, A., 2002, p. 22. DO.).

Os citados migrantes traziam sua família e ali se alojavam, sem infra-estrutura, sem nenhuma dignidade humana. A prostituição e a violência, em determinadas invasões, conviviam dia-a-dia com a comunidade. A concentração da população excessivamente carente, sob todos os aspectos, aos poucos foi se agravando pelo crescimento da criminalidade.

"Era uma invasão, um barraquinho muito ruim... água não, tinha um poço, tirava água de uma cisterna, luz também, era vela, não tinha luz." (Jesus, 2002, p.6. DO.).

A realização de um seminário em Brasília, no ano de 1969, apontou o favelamento como um dos problemas sociais mais sério do Distrito Federal. Admitindo a gravidade da situação e suas conseqüências, o Governo do Distrito Federal solicitou à Secretaria de Serviços Sociais providências no sentido de erradicar as favelas.

“Hélio Prates da Silveira... encomendou pesquisa sobre o favelamento do DF, então o número de favelas, naquela época, 1969, foi dado como alarmante...”. (Ribeiro, 2002, p. 11. DO.).

Posteriormente, foi criada a **Comissão de Erradicação de Invasões**, integrada por representantes de diversos órgãos do GDF, responsável pela elaboração do **Projeto Ceilândia**, objetivando atender as aspirações da comunidade quanto a remoção, a habitação, a infra-estrutura e a promoção social.

A área escolhida pertencia à União, “Era ocupada pelos Ministérios do Exército, da Aeronáutica e das Comunicações, cedida ao Governo do Distrito Federal para a implantação da nova cidade.”¹

“... essa área aqui era do Exército, todinha era um centro de observação do exército...”. (Bezerra, 2001, p. 13. DO).

A remoção iniciou em 27 de março de 1971, nascendo a cidade de Ceilândia, projetada pelo arquiteto Ney Gabriel de Sousa. “O nome Ceilândia nasceu inspirado na sigla CEI acrescida da palavra ‘lândia’, de origem norte-americana para significar e muito em voga, ao tempo, na formação de núcleos sociais, no Brasil.”²

REMOÇÃO

No início da década de 70 assumiu a Secretaria de Serviços Sociais Otomar Lopes Cardoso, destacando-se à frente da mesma pela iniciativa de levar adiante um plano tão ousado - erradicar as favelas - tendo o total apoio do governador Hélio Prates da Silveira e de uma grande aliada e colaboradora, Vera Prates da Silveira, esposa do governador, responsável pelo lançamento da Campanha de Erradicação das Invasões - CEI, na qual tornou-se presidente, objetivando esclarecer e sensibilizar a comunidade brasiliense para sua participação no grande desafio do desfavelamento.

Destaca-se também, o trabalho desenvolvido por estudantes, servidores, pioneiros e outros que juntamente com a assistente social Maria de Lourdes Abadia, coordenadora, no início, do Serviço Social na nova área e logo após, a primeira administradora, contribuíram de forma decisiva para a construção da nova cidade.

“Eu queria só fazer aqui uma referência a uma pessoa que é muito importante para a cidade, que contribuiu muito para o desenvolvimento, que se chama Maria de Lourdes Abadia, é uma personalidade da cidade que contribuiu de

¹ LOPES, Wilson Wander. *Ceilândia tem memória*. 2. ed. Brasília: KLK Comunicação, 2001. p.199.
² VASCONCELOS, José Adirson de. *As Cidades Satélites de Brasília*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. p. 63. Série Cidades Satélites de Brasília.

uma forma espantosa para Ceilândia ser o que é... e ela foi uma mulher corajosa, audaciosa, que visitava todos os locais onde as pessoas estavam, via as dificuldades das pessoas, ajudava, brigava, participava em mesa de reuniões com autoridades e brigava para que a cidade tivesse uma condição melhor e que realmente tivesse orgulho do nome que foi dado para Ceilândia, então foi uma mulher propulsora, uma mulher que agilizou e que contribuiu de uma forma fantástica no desenvolvimento da cidade. Ceilândia deve muito a essa mulher, que por ser mulher, acima de tudo, naquela época e estar aqui em Ceilândia contribuindo para esse desenvolvimento, então Ceilândia deve muito a Maria de Lourdes". (Pimentel, 2001, p.18. DO.).

A Comissão de Erradicação de Favelas foi transformada em **Grupo Executivo de Remoção das invasões do IAPI e adjacências**, de acordo com o Decreto nº 1.473, de 14 de outubro de 1970, a fim de agilizar os trabalhos de remoção.

Os novos moradores receberam do GDF um lote por preço simbólico e os órgãos, num esforço conjunto com a população, construíram a nova cidade.

"... houve uma ação em conjunto do governo, da Secretaria de Segurança Pública, da Secretaria de Saúde, da Secretaria de Serviço Social, todas as Secretarias... foi um trabalho integrado...". (Bezerra, 2001, p. 21. DO.).

Por outro lado, as famílias receberam orientações sobre a mudança. Era realizada marcação na porta do barraco a ser removido e entrega de um aviso, assim como o atestado de dispensa do trabalho por cinco dias e o guia de transferência ou matrícula escolar dos filhos. Os casos atípicos eram solucionados por assistentes sociais.

Foi programada a transferência de 35 barracos por dia, mas nem sempre cumprida pelo número de invasores, chegando a 120, com a ajuda da própria população.

As igrejas e obras sociais solicitaram previamente a transferência, objetivando atender espiritualmente os removidos, conforme depoimento da esposa do Pastor Avelino:

"Eu sei que combinaram com os pastores para reunir as igrejas, tirar primeiro as igrejas, vinha primeiro, para depois então tirar o povo... então veio primeirinho a Igreja de Cristo... Pastor Avelino... no dia 20 de março de 71... nesse dia que veio a Igreja de Cristo, veio a Igreja Batista ali embaixo, Igreja Batista Independente e os Escoteiros". (Pereira, 2002, p. 10-11. DO.).

A primeira moradora Dona Edite, sente-se honrada em dizer:

"... mudamos ... dia 27 de março de 1971, ... Foi uma grande festa... e eu como a primeira moradora... da Ceilândia...". (Farias, 2002, p. 8-14. DO.).

Nas primeiras semanas Ceilândia era um amontoado de tábuas, utensílios domésticos, móveis, plantas, barracas e mulheres cozinhando improvisadamente. Trabalho árduo, cansativo, porém gratificante. A remoção dos invasores foi concluída em março de 1972.

CONSOLIDAÇÃO

O Grupo Executivo de Remoção das Invasões do IAPI e adjacências passou a chamar-se **Grupo Executivo de Consolidação da Ceilândia**, tendo por objetivos fixar o homem na nova cidade e organizá-la.

Havia necessidade de instrumentos legais para atingir todas as etapas de fixação do homem e organização da cidade. Destaca-se nesse processo :

Decreto nº 2.942, de 27 de junho de 1975 – Define a área de circunscrição dos setores “M” e “N” norte de Taguatinga, e dá outras providências. (decreto expedido pelo governador Elmo Serejo Farias).

Decreto nº 2.943, de 29 de junho de 1975 – Aprova o Regimento da Administração de Taguatinga e dá outras providências. (decreto expedido pelo governador Elmo Serejo de Farias).

Mensagem nº 10, de 30 de junho de 1986 – Que trata do anteprojeto sobre a criação de novas regiões administrativas, entre elas a de Ceilândia – RA IX. (assinada e encaminhada ao presidente da República pelo governador José Aparecido de Oliveira).

Decreto nº 11.921, de 25 de outubro de 1989 – Fixa os novos limites das Regiões Administrativas do Distrito Federal. (assinado pelo governador Joaquim Domingos Roriz).

Lei nº 049, de 25 de outubro de 1989 – Altera a estrutura da administração do Distrito Federal, extingue órgãos e dá outras providências. (sancionada pelo governador Joaquim Domingos Roriz).

Decreto nº 12.541, de 30 de julho de 1990 – Aprova o Regimento da Administração Regional de Ceilândia, define as funções correspondentes, e dá outras providências. (assinado pelo governador Wanderley Vallin da Silva).

Instrumentos legais resultantes da vontade política e dos movimentos de emancipação administrativa efetuados por seu povo e caracterizados pelo perfil do valente brasileiro, principalmente o nordestino.

“É mais Nordeste, mais Nordeste sem dúvida... aqui parece capital da Paraíba, de Pernambuco, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Alagoas, enfim...”. (**Lima, 2002, p. 10. DO.**).

O perfil do povo favoreceu a fixação do homem. O processo de consolidação da cidade encontra-se em andamento.

“Estar em Ceilândia... é maravilhoso, porque o povo é ... extremamente caloroso... hospitaleiro.... essa mistura de nordestino e mineiro virou característica... do próprio

lugar... é o povo... que faz a diferença de Ceilândia das outras...". (Pimentel, 2001, p. 17-18. DO.).

A luta diária do seu povo fez a Ceilândia de hoje.

"... Ceilândia de ontem para Ceilândia de hoje, mudou exatamente da água para o vinho... a Ceilândia de hoje... exporta... e industrializa aqui mesmo... é uma cidade que todo mundo acredita... tem um poder aquisitivo muito bom... não quero dizer.... que não tenha pobreza..., não tenha segurança..., nem nos países de primeiro mundo não é,... mas para comparar... tem sistema de trânsito... de comunicação... comércio muito adiantado... casas comerciais, feiras boas, feira de atacado... a cultura na Ceilândia, tem um Centro Cultural, sem falar na Casa do Cantador... na parte do turismo também... Valeu à pena...". (Bezerra, 2001, p. 26. DO.).

"... poucas pessoas no mundo tiveram o privilégio que eu tive... eu acho que a gente pode bater no peito e dizer que Juscelino e eu tivemos essa oportunidade de começarmos do nada e depois ver a cidade florescendo... acompanhei todas as fases da cidade, acho que hoje é uma cidade consolidando-se... resumindo ela foi tudo na minha vida... Ceilândia é politizada e democratizada, quem achar que comanda Ceilândia está redondamente enganado... É uma cidade que a pessoa sabe o que quer, ela não é manipulada...". (Abadia, 2002, p. 21. DO.).

Nesse processo não pode ser esquecido a organização dos moradores, destacando-se inicialmente as lideranças de quadras, coordenado pelo Centro de Desenvolvimento Social e, logo após, a formalização das Associações de Moradores.

O primeiro movimento comunitário organizado da Ceilândia remonta à **Associação dos Incansáveis Moradores**, formada, principalmente, em decorrência dos preços dado aos lotes e cobrados pela TERRACAP, a qual levou para as suas assembleias aproximadamente 5.000 pessoas e, em conjunto com outras organizações contribuíram de forma primordial para a o início da consolidação da cidade.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CEILÂNDIA

DEMOGRAFIA

Ceilândia representa 16,7% da população do Distrito Federal, constituindo - se um dos maiores colégios eleitorais .O Censo de 2000 registra uma população de aproximadamente 343.000 habitantes, dentre eles 289 mil são eleitores.

GEOGRAFIA

Segundo informações contidas no documento "Diagnóstico de Ceilândia", da Administração da RA - IX, a ocupação territorial obedeceu a seguinte cronologia:

1971: setores "M" e "N" Norte (Ceilândia Sul e Norte);
1976: setor "O";
1977: setor Guariroba;
1979: 'P" Sul e "P" Norte;
1980: setor de indústrias;
1985: expansão do setor "O";
1988: acréscimo do setor "N" (QNN 35 à 40);
1989: acréscimo do setor "P" Sul (QNP 22 e 24) e setor "Q";
1992: setor "R".

Ceilândia, por sua vez, limita-se com o Estado de Goiás e três Regiões Administrativas do Distrito Federal: Taguatinga, Brazlândia e Samambaia.

A região apresenta um relevo caracterizado por chapadões sedimentares arenosos, cujo solo é constituído por sedimentares antigos com alto índice de acidez e vegetação predominante de cerrado.

A altitude é de 1.280m. O seu clima é tropical semi-úmido, apresentando uma temperatura média de 21°C e uma precipitação pluviométrica de 1.750mm. O principal curso d'água é a Bacia do Rio Descoberto, a oeste, com 825 Km².

Interessante destacar que no aspecto ambiental, Ceilândia possui, atualmente, três unidades de conservação:

- Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Descoberto, com 39.100 ha;
- Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) do Parque Juscelino Kubitschek;
- Parque Vivencial do Descoberto.

INFRA - ESTRUTURA

As informações dos diversos órgãos do Governo do Distrito Federal, no período de 1999-2001, apresenta a cidade de Ceilândia com a seguinte infra-estrutura :

pavimentação asfáltica - 86,53% (fonte SePlan - Secretaria de Planejamento);
meios-fios - 76,74% (fonte SePlan);
águas pluviais - 80% (fonte NOVACAP);
iluminação pública - 85,49% (fonte CEB);
energia elétrica(ligações) - 100% (fonte CEB);
abastecimento de água - 99,28% (fonte CAESB);
rede de esgoto - 99,04% (fonte CAESB).

Sistema de Transporte: conta no momento atual, com linhas de ônibus que atendem a população da cidade, complementado pelos serviços de transporte alternativo. Em visão futurista Ceilândia será contemplada com o metrô.

Segurança Pública: a população conta com um Batalhão da Polícia Militar, quatro Delegacias de Polícia e a Companhia Regional de Incêndio do Corpo de Bombeiro Militar do Distrito Federal - 8ª CRI.

Educação: a rede pública atende uma população estudantil de 86.676 alunos, lotada em 53 Escolas Classes, 17 Centros de Ensino Fundamental, 11 Centros de Ensino Médio e 07 Escolas conveniadas. As escolas particulares atendem cerca de 10.592 alunos segundo a Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ceilândia conta ainda com diversas instituições de ensino superior.

Saúde: a população é assistida pelo Hospital Regional da Ceilândia com 213 leitos além de 12 Centros de Saúde. Ressalta-se que o Hospital Regional detém o título "Amigo da Criança" concedido pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), por ter atingido os 10 passos para o aleitamento materno, meta que procura manter, assim como título recebido, segundo informações da Assessoria de Comunicações do próprio hospital.

Religião: a população conta com 184 templos religiosos, sendo eles evangélicos, católicos e centros espíritas.

CULTURA

Pesquisa efetuada pela CODEPLAN aponta que o perfil humano da RA IX – Ceilândia, caracteriza-se pela diversificação das regiões brasileiras, destacando-se principalmente o Nordeste.

Os aspectos culturais apresentam-se na alimentação, no linguajar, nos dons musicais (repentista, cantadores de bares e música sertaneja) e na dança (o forró e quadrilhas), entre outros.

A Casa do Cantador é a materialização das raízes culturais nordestina na região. Vale ressaltar que a referida CASA foi a primeira obra do arquiteto Oscar Niemeyer para as ex-Cidades Satélites. Atualmente, abriga a Federação Nacional das Associações de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas. Possui um excelente espaço físico, inclusive com alojamento para 60 cantadores, um refeitório e um auditório aberto para 500 espectadores.

A Divisão Regional de Cultura (DRC), popularmente chamado de Centro Cultural de Ceilândia, abriga a Biblioteca Pública de Ceilândia Carlos Drumond de Andrade; a Brinquedoteca Pública; o Centro Integrado de Tecnologia (laboratório de informática); o Conselho Tutelar de Ceilândia; e futuramente o Ginásio coberto para atividades esportivas.

A cidade conta ainda com diversos espaços culturais, entre os quais, salões comunitários, ginásio poliesportivo, estádio de futebol, clubes e praças.

ECONOMIA

A Ceilândia de hoje possui cerca de 4.500 estabelecimentos comerciais, 1.600 indústrias e 1.400 prestadoras de serviços.

A alimentação e a construção civil destacam-se como atividades no comércio enquanto a marcenaria, a serralharia e a confecção de roupas são as principais atividades na indústria.

As feiras livre e permanente têm um papel fundamental na economia, em virtude do número de mão-de-obra absorvido pelas diversas atividades que as compõem.

Outro aspecto a considerar é o papel assumido pelas associações, fazendo destaque à Associação Comercial e Industrial de Ceilândia – ACIC, contando com cerca de 4.600 empresas associadas. No decorrer do ano de 2000 a ACIC lançou o selo “Made in Ceilândia”, objetivando valorizar e divulgar a produção local, incentivando o crescimento do comércio.

ADMINISTRAÇÃO DA CEILÂNDIA

A Administração da Ceilândia foi criada a partir de 1975, conforme Decreto nº 2.943, vinculada à Administração Regional de Taguatinga.

A Região Administrativa - RA IX - só foi definida como tal a partir de 1989, pelo Decreto nº 11.921 de 25 de outubro.

Por assim, a Administração Regional é a unidade administrativa-política da área, sendo representada por seu administrador, nomeado pelo governador, tendo por competência principal:

- a) a representação política e social do governador do Distrito Federal;
- b) o acompanhamento da execução dos serviços a cargo dos diferentes órgãos da Administração Regional;
- c) a direção das atividades relativas às funções que lhe estão diretamente subordinadas.

A partir de 1º de Janeiro de 2003, o Administrador Regional é indicado pela comunidade local por meio das associações ou entidades de classe devidamente constituídas, passando pelo crivo de uma comissão julgadora composta por 10 pessoas (5 representantes do governo e 5 representantes da comunidade), a qual escolherá o indicado e nomeado pelo governador. (Fonte : Secretaria de Estado de Coordenação das Administrações Regionais –Sucar)

Chama-se a atenção para a Lei Complementar nº 314, de 1º de setembro de 2000, sancionada pelo atual governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz - trata do Plano Diretor Local - PDL da Região Administrativa de Ceilândia - RA IX. Pela lei, a região passa a ser direcionada por um instrumento que permite o desenvolvimento urbano e territorial com critérios definidos, disciplinando o crescimento da cidade, o tamanho dos lotes para residências e comércios, os locais de estacionamento, as áreas para construções de edifícios ou prédios de órgãos públicos, entre tantos, trazendo, certamente, o crescimento urbano com racionalidade.

Os homens e mulheres que conduziram, até o momento, administrativa e politicamente a Ceilândia, juntamente com o seu povo, encontram-se abaixo relacionados:

Maria de Lourdes Abadia (15/07/75 a 17/07/85) Assistente Social.

Ílton Ferreira Mendes (13/08/85 a 28/07/87) Professor.

Clarindo Carlos da Rocha (28/07/87 a 24/01/89) Empresário.

Jorge Roberto Pereira (25/01/89 a 02/05/90) Engenheiro Civil.

Paulo Alceu de Almeida Ferreira (03/05/90 a 09/09/92) Empresário.

Dario Silva Reis (09/09/92 a 22/02/94) Economista.

Antônio Roberto Reis (22/02/94 a 31/12/94) Professor.

José Eudes Oliveira Costa (04/01/95 a 23/12/97) Sindicalista.

Eduardo Gomes da Silva (07/01/99 a 04/07/2000) Engenheiro Civil.
Eduardo Gomes da Silva (03/09/2000 a 13/02/01) Engenheiro Civil.
Ilza Maria Pereira Santana (13/03/01 a 08/01/02) Assistente Social.
Milton Barbosa Rodrigues (08/01/02 a 31/12/02) Advogado.
Adão Noé Marcelino (06/01/03) Professor.

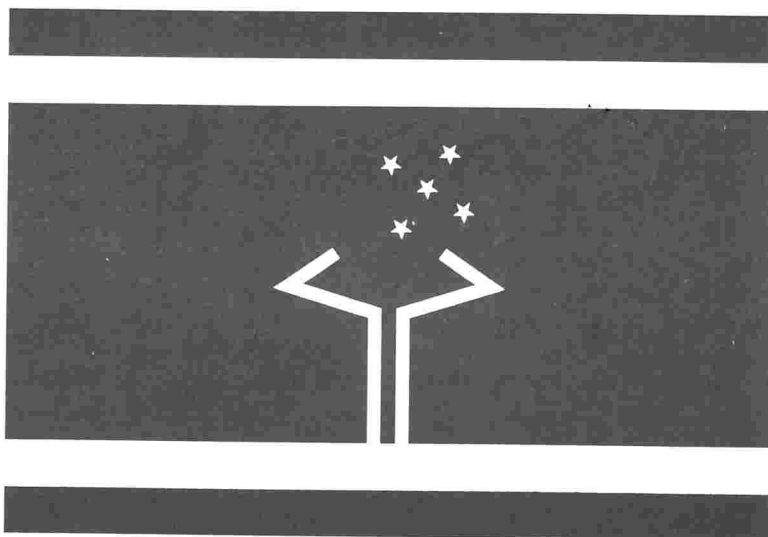
BANDEIRA

Criada em julho de 1984, por concurso promovido pela Administração da Ceilândia. Não havendo vencedor, as cores e simbologia foram sugestões dos mais de 500 participantes.

Cores: branca e azul

Centro: caixa-d'água-símbolo da cidade

Estrelas: 05 - representam os setores: Ceilândia, Guariroba, Setores "P" Sul e Norte e Setor "O". Na forma de cruz lembra o Cruzeiro do Sul.



Fonte: CEILÂNDIA: nasce uma cidade. Brasília: [s. n.], [1985 ?]. 95 p. il.

4. DEPOIMENTOS

ALBINO ANTONIO MANEIRO

Nasceu na cidade de Itarana no estado do Espírito Santo no dia 01 de julho de 1948, filho de Ângelo Antônio Maneiro e Ernesta Palazzo Maneiro, casado com Bárbara Nunes Pereira, pai de 8 (oito) filhos, comerciante e atacadista. Chegou a Brasília em 1969 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"... eu trabalhei na roça, depois eu fui ser balconista da mercearia e agora a gente... sou comprador aqui, atacadista".

"... tinha boas oportunidades, foi vindo a família toda. Hoje a família capixaba em Brasília é numerosa... quando eu vim, já vim para trabalhar com meu irmão Renilton, que era dono do antigo Supermercado MG, primeira rede de Supermercados de Ceilândia, hoje já não existe... ele tinha uma mercearia na Vila do IAPI, depois eu montei uma merceariuzinha, lá no IAPI".

"... nós viemos para Ceilândia dia 02 de setembro de 1971... tinha um fiscal, ele que ficava controlando negócio de número de barracos, esses negócios, e tinha um tal de Pastor Avelino, que ele sempre falava em reunião, era mais ou menos um líder esse Pastor Avelino na Vila do IAPI".

"... foi uma coisa imposta realmente, agora quem quisesse mudar por conta própria, tinha essa oportunidade, eu mesmo mudei por conta própria. Porque a gente tinha comércio, a gente deu para escolher o lugar melhor".

"... foi até bem coordenado... o governo pagava a mudança... o critério era quem morasse na invasão... depois nós tivemos que pagar o lote...".

"... o transporte era bem precário... nós ficamos anos e anos aqui em Ceilândia sem asfalto, sem água e sem luz, e ninguém reclamava, eu não sei como, hoje o pessoal quer tudo mais fácil".

"... lazer era trabalhar de domingo à domingo, não tinha, ninguém se preocupava com lazer... a mercearia não fechava, era direto, ninguém se preocupava, isso era muito bom...".

"... a Ceilândia tem um potencial de eleitor muito grande, só que Ceilândia tem um problema, o pessoal é muito desunido... se tivesse um povo assim bem unido, ele decidia muito na Câmara, pois eles elegeriam quem eles quisessem...".

"... olha melhorou bastante... Ceilândia foi assim um pouco abandonada politicamente... a segurança realmente ela deixa muito a desejar... a gente nota que é muito difícil você ver policiais... dizendo a verdade, deveria ser melhor".

"... eu posso registrar que foi uma luta muito árdua, mas valeu a pena, valeu a pena porque nós chegamos aqui realmente nós fomos jogados no cerrado... valeu a pena investir e a gente investiu mesmo, o trabalho, a coragem e acreditou na Ceilândia".

ANA MARIA DE JESUS

Nasceu na cidade de Santana do Brejo no estado da Bahia em 18 de novembro de 1948, filha de Joaquim Rodrigues dos Santos e Maria Catana da Luz, casada com Francisco de Jesus, mãe de 07 (sete) filhos, do lar. Chegou a Brasília em 1960 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"... eu vim para aqui no começo de Brasília... em 60... meu pai veio trazer minha mãe para tratar, com um mês ele veio buscar a gente. A gente foi comprado da... comprados assim, o patrão, que ele veio para a fazenda, ele deu o dinheiro para buscar a gente e a gente veio para a fazenda para trabalhar, para pagar as passagens... nós fomos trabalhar na roça... tinha que ficar lá. Terminamos de pagar, a gente veio trabalhar de doméstica em Anápolis".

"... casei em um dia e no mesmo eu vim morar na Vila do IAPI... era uma invasão, um barraquinho muito ruim".

"... meu esposo, ele trabalhou muito, que quando logo eu casei, ele fazia virada, e não avisava que vinha, o irmão dele saía antes do dia amanhecer e ia ver, chegava lá ele estava no concreto trabalhando. Ele construiu muitos blocos por aqui, hoje ele vive assim, faz um muro ali, um muro acolá, tem hoje, amanhã não tem...".

"... vinham os caminhões carregar a mudança para cá para o cerrado, que era um cerradão aqui".

"... tinha o carro pipa, o chafariz,... eles botavam uma torneira, ficava assim no mato e era uma briga, que a gente para enfrentar uma fila de 580 latas que até hoje me esqueço...".

"Ceilândia mudou muito. Do que eu cheguei aqui, que eu não tenho nada e acho que tenho muita coisa, porque eu tenho a minha casinha. Tem a água, a luz, o asfalto que não tinha, era barro, que eram os buracos. Não tinha nada, hoje está bom, eu vou ali, tem a água na torneira que eu não tinha, era muito difícil... mudou para melhor... valeu a pena".

ANTÔNIA ALVES DA SILVA (Dona Toinha)

Nasceu na cidade de Esperantina no estado do Piauí no dia 05 de junho de 1947, filha de Francisco Alves da Silva e Pastores Alves de Sousa, solteira, mãe de 5 (cinco) filhos, feirante. Chegou a Brasília em 1965 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"... olha, eu já trabalhei de muita coisa, primeiro eu trabalhei de doméstica desde 11 anos e depois vendedora de porta em porta de produtos de beleza... e aí depois feirante... depois que cheguei aqui em Brasília".

"... a vida lá na Vila do IAPI era muito difícil, porque lá eram barracos e mais barracos muito pequenininho, só cômodozinho assim, inclusive o meu era feito de tábuazinhas dessas caixas de maçã, quase de papelão... nem piso tinha, tinha muito era ratazana...".

"... lá não dava mais para ficar, todo mundo que vinha dos outros estados só corriam para Vila do IAPI e por isso que o governo estava preocupado... a condição lá era subumana, não tinha água encanada, tinha um córrego lá embaixo que a gente ia pegar água para lavar roupa, para tudo...".

"... primeiro foram falar da importância de mudar, da preocupação do governo com a população, depois mostraram condições, quem podia ir por conta própria, eles autorizavam, que não, esperava o Serviço Social que um dia ia e avisava que no outro derrubariam o barraco para o caminhão levar".

"... eu fui no Serviço Social e eles vieram e fizeram meu barraco, 3x4... de início eles foram doados, depois a gente teve que pagar... preço simbólico, mediante as condições da gente".

"... é Piauí, Maranhão, Ceará tem demais, Bahia tem, Pernambuco, tem tudo, mais Piauiense, Cearense e Baiano... porque olha vinham caminhões, ônibus, eram todos lotados e vinham os paus-de-arara também... porque quem construiu Brasília foi o nordestino...".

"... tinha o Serviço Social, a gente chegou ali, eles sabiam que a gente não tinha alimentação mesmo, eles traziam as panelonas, nas Kombis, sopa, pão, eles davam assistência...".

"... não era nada, só muita terra, lama na época da chuva e o resto era poeira... você olhava assim não via nada, só terra...".

"... as esquinas eram comerciais, as pessoas que vinham com comércio, já tinham o direito de chegar e colocar seu comércio... cada esquina tinha um".

"... Ah! Água ali era ouro, então hoje eu fico olhando, às vezes falo com o povo, sabe o que é sofrimento? Sabem não... você vê chegamos aqui em 1971, em 1973 é que recebemos a luz, todo mundo vivia, a água demorou mais teve que fazer esgoto, essas coisas todas... mas a gente não reclamava, todo mundo feliz trabalhando...".

"... nós vivemos numa democracia, temos o direito de vir e ficar onde for melhor,

eu vejo o pessoal, é igual essa história de falar do Roriz, que faz e acontece, será que se os outros estados fizessem, precisava de alguém vir para cá? Eu vim porque na minha terra não me davam opção de vida... os deputados vão lá nos estados se elegem e vem para cá e deixam o povo lá sofrendo...”

“... hoje Ceilândia está outra, a gente já tem Universidade, comércios, asfalto, esgoto, ela tem uma infra-estrutura boa... de agora para frente é só melhorar”.

“... me orgulho de ser Ceilandense, até eu falo assim, acreditei e fiquei, e os que não ficaram hoje estão chorando de arrependido”.

DALVA AFONSO NUNES RODRIGUES

Nasceu na cidade de Patrocínio no estado de Minas Gerais no dia 18 de fevereiro de 1932, filha de Jonas Afonso Almeida e Florípedes Afonso Nunes, viúva de Gerson Rodrigues Costa, mãe de 04 (quatro) filhos, do lar. Chegou em Brasília 1968 (Vila Tenório) e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... depois disso, um dia veio a prefeitura, marcou o horário da remoção, foi tudo certinho... chegou aquele horário, a prefeitura tinha o caminhão ali, já vinha trazendo a mudança e já ficava no local certo aonde que era... quando chegava aqui a gente já estava com o local marcado... foi tudo por conta deles mesmo, da prefeitura... ninguém pagou nada...”

“A começar que tinha que limpar o terreno... tinha uns toquinhos muito pequenininhos, mas nem se via por causa do cerrado... a gente tinha que limpar para construir, foi no mês de dezembro, chovendo demais... e nós ficamos onze dias debaixo de chuva... tipo cigano”.

“Abastecimento de água tinha um caminhão pipa, e era longe então a gente tinha que arranjar dois tambores um ficava aqui e outro ficava lá, e lá a gente tinha que por uma pessoa para olhar, senão eles tomavam a água da gente”.

“Escola... tinha mas era longe para levar, para buscar, era de ônibus, lá na pista, longe. Não tinha como a facilidade que tem hoje aqui”.

“Maria de Lourdes fez muita coisa por Ceilândia, eles chamavam ela a ‘fada madrinha’... Ceilândia hoje está completa, apenas à espera de uma Universidade Pública”

DOMINGOS JOSÉ BORGES

Nasceu na cidade de Cristópolis no estado da Bahia em 24 de maio de 1935, filho de Luiz José Borges e Matilde de Jesus Borges, casado com Idália Borges do Prado, pai de 04 (quatro) filhos, foi carpinteiro, depois comerciante na Vila do IAPI. Chegou a Brasília em 1959 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... eu morava na Rialma (GO), a vontade da gente melhorar de vida, então a gente veio para Brasília...”.

“A vida na Vila do IAPI era muito precária, mas eu acho que a gente já estava acostumando com o sistema de lá, não tinha asfalto nem luz, a luz funcionava até às 10h, ligava ali pela 6 horas, todo mundo ficava no escuro, também todo mundo ia dormir cedo...”.

“... lá era invasão, eles falaram que a gente ia pegar um lote definitivo e que a gente mudava para cá, inclusive eu tenho o papel avisando que a gente tinha que mudar para Ceilândia, em 1971...”.

“Não, a polícia quase não tinha na época, não tinha igual tem hoje, mas era melhor de que hoje... não tinha tanto vagabundo igual tem hoje... aquele tempo a gente ficava debaixo de uma ‘latada’ aí você ficava tempos e tempos, era muito difícil falar que a pessoa foi assaltada, era difícil falar que a pessoa roubasse a gente e hoje vamos dizer a gente mora em uma casa segura aqui e sempre é roubado”.

“Festa junina faziam, o pessoal mesmo fazia e era até bom naquele tempo, festa junina que cada um tinha direito de acender seu fogo na casa... fazia fogueira na porta da casa”.

“Eu acho muita diferença... Ceilândia de quando eu cheguei aqui para de hoje tem muitas diferenças, que hoje sobre urbanização, não se compara, e outras coisas mais, construção, cada um construiu sua casa, que naquele tempo só era barraco de madeira”.

EDITE MARTINS FARIAS

Nasceu na cidade de Itaguaçu no estado do Espírito Santo no dia 14 de novembro de 1940, filha de Manoel Martins e Regina Gomes Rabin, casada com José Alexandre Farias, mãe de 05 (cinco) filhos, do lar. Chegou a Brasília em 1964 (Vila do IAPI) e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... Ah, eu vim pra Brasília para passear, participar de um casamento na época e cheguei aqui em Brasília gostei. Então arranjei trabalho e fiquei por aqui e me casei. E até hoje estou bem aqui em Brasília”.

“Eu morava na Vila do IAPI em barraco e eles passaram fazendo um levantamento, então nesta época eu trabalhava na casa da dona Marisa, então eu tive que sair do trabalho para ficar na minha residência, no meu barraquinho para fazer o cadastramento, e nesse trabalho que eles fizeram eu fui removida prá Ceilândia”.

“... lá era tudo lamparina, vela, lampião e depois nós passamos aqui prá Ceilândia não, aqui prá nós foi ótimo. Nós sofremos no começo aqui da Ceilândia, sofremos bastante, numa época assim de muita chuva, muito vento”.

“... até nós sermos todos colocados aqui na Ceilândia, só que à época que nós mudamos, tivemos uma festa aqui no Centro de Ceilândia, foi como se fosse um carrilho de moradores, foi muito bonito, teve banda de música, muitos fogos, foi uma festa muito grande”.

“Aqui nós viemos em mato, que teve quantas pessoas que foram mordidas de cobra. Tinha cobra, às vezes descia na parede, lá em casa mesmo teve uma cobra, minha vizinha, o filho dela estava dormindo, a dona Lurdes, e a cobra estava descendo parede abaixo e a gente não podia nem mexer com ele, teve que deixar a cobra descer, ir passando e ir embora”.

“Não tenho vontade de sair daqui porque eu gosto de Brasília e da Ceilândia. Eu tenho um filho com 17 anos, que às vezes eu falo com ele assim ‘eu vou embora prá Bahia, você também vai’. ‘Ah, mãe então a senhora vai só que eu não vou não’. Quer dizer, eles criaram tudo, cresceram, nasceram aqui... eles não trocam Ceilândia, eles não trocam Brasília, nasci aqui e aqui vou ficar”.

ELIEZER MARQUES RIBEIRO

Nasceu na Cidade da Barra no estado da Bahia no dia 04 de fevereiro de 1944, filho de Francisco Bernardos Rocha e Olindina Marques Ribeiro, casado com Maria das Graças Borges Marques Ribeiro, pai de 03 (três) filhas, Administrador de Empresas. Chegou a Brasília em 1959.

“Eu fui uma pessoa que chegou do interior em Brasília em 59, e fiz ginásio aqui na CASEB, na época dos seriados, fiz 4 anos seguidos do ginásio, depois terminei o 2º grau no colégio Setor Leste e fiz o vestibular para fazer administração de empresas na faculdade UPIS por 4 anos”.

“Trabalho eu já fui muita coisa, você até admira. Quando eu cheguei aqui eu fui garçom, vigia de carro, ajudante de carpinteiro, trabalhei numa serralheria muito tempo e tive desempregado por alguns meses, fui cortador de grama do Campus Universitário da UNB pela Construtora Rabelo, sendo este o meu último emprego, em 1964, mais precisamente no dia 03/11/1964 eu assinei o primeiro contrato com uma empresa que foi a Fundação de Serviço Social do Distrito Federal”.

“A procura de melhor opção, porque como eu já disse anteriormente eu fui nascido e criado na roça, então, a possibilidade de crescimento ou de melhoria de vida que seria quase que nenhuma, ia continuar lavrador como meu pai até seu falecimento, eu fiz uma opção. Já tinha informação de pessoas que estiveram em Brasília e diziam que era promissora, que ganharia dinheiro com mais facilidade”.

“Bem o meu começo aqui se deve a Maria de Lourdes Abadia, porque foi ela que me convidou para vim ser o chefe administrativo do CDS, na qual ela era coordenadora e aqui a gente desenvolvia os trabalhos de consolidação da

cidade, nós tocávamos os projetos sociais... o CDS fazia o papel de uma administração, mesmo sabendo das dificuldades que nós passávamos, seria sanado pela administração de Taguatinga, como a aprovação dos projetos, a revisão de piquetes, a demarcação do lote, a liberação do projeto para construção”.

“... a falta d'água, esse era o maior terror de Ceilândia, as ruas escuras e a falta de asfalto, esgoto e uma série de outros benefícios que não tinham chegado ainda à cidade, então a gente tinha que sair, esse trabalho era feito pela CAESB, pela Secretaria de Serviços Sociais, pela Fundação, representada pelo CDS, a gente tinha que correr atrás de caminhões pipa para encher esses chafarizes, para encher tambor, filas e mais filas”.

“... os lotes a pessoa recebia uma ordem de ocupação, não tinha documentação, eles recebiam ordem de ocupação, mas eles tinham a facilidade para pagar e moraram por muitos anos até que o governo... até que criou-se a TERRACAP, até antes da TERRACAP não tinha pagamento de nada, depois que a TERRACAP entrou na Ceilândia começou a fazer os contratos, e eles começaram a pagar a partir dali... um preço que todo trabalhador, mesmo ganhando pouco, ele dava conta de pagar sua mensalidade”.

FRANCISCA COELHO PEREIRA

Nasceu na cidade de Buriti Nasce a Vargem no estado do Maranhão, no dia 04 de agosto de 1935, filha de Francisco Cassiano Coelho e Cândida Ferreira Coelho, mãe de 10 (dez) filhos, do lar, casada com Avelino Pereira Filho (pastor). Chegou a Brasília em 1962 (Sobradinho), em 1968 (Vila do IAPI) e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... nós estávamos morando em Teresina e estava até bem empregado lá na Secretaria de Finanças mas deu na cabeça de vim passar as férias aqui, não tinha conhecimento, mas chegou aqui quis ficar... dona Natércia, era chefe dele ainda deu mais um mês para ele pensar para poder voltar, mas ele não quis. Mandou me buscar, arranjou um emprego, mas logo saiu... passou a ser cobrador da TCB 6 anos, deu na cabeça de sair de lá, vendeu nossa casa em Sobradinho, por fina força veio para o IAPI”.

“... ele fundou uma igreja lá também, que pôs o nome Igreja de Cristo”.

“Ele ia todo dia fazer, assim, toda quarta-feira dia dessas reuniões, ele foi, estava aquele negócio, o povo ia ser disperso, uns para um lado, outros para outro, uns iam para Sobradinho, outros para Planaltina, outro ia para qualquer lugar, eles iam espalhar o povo”.

“... fez o discurso pedindo ao governador que fizesse uma cidade para aquele povo, que era muito triste aquele povo ser desmandado, um pastor sem ovelha,

uns para um lado, outros para outro, e ele disse que com 8 dias ele respondeu o pedido dele, que ele ia fazer todo possível, fazer uma cidade... ele manteve a palavra”.

“... parece que era dos militares isso aqui, ele comprou, deu ordem lá que o povo ia ser removido para cá”.

“Pastor Avelino veio aqui conhecer o local junto com dona Julimar, Dr. Carlos, era engenheiro, olharam por aqui tudo, estava tudo certo para mudar o povo, mas deu aquela confusão, ninguém queria sair... então foi resolvido assim, primeiramente as igrejas, falaram com Avelino que os outros... aquele pastor... tinha o padre Liro, o pastor Joel também fazia parte... as igrejas vinham primeiro, para depois então tirar o povo”.

“Depois de tudo, ele ainda trabalhou, por três anos aqui na administração, a única coisa de vantagem na vida que ele levou foi isso, trabalhou, mas o resto não teve nenhuma vantagem, materialmente falando, para ele, mas eu creio que espiritualmente...”.

FRANCISCO DAS CHAGAS NOGUEIRA (Sr. França)

Nasceu na cidade de Icó no estado do Ceará em 31 de dezembro de 1947, filho de Luiz José Nogueira e Antônia Fernandes de Queiroz, casado com Valmira Pinheiro Nogueira, pai de 05 (cinco) filhos, comerciante. Chegou a Brasília em 1968 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1975.

“... eu me criei na roça, na agricultura até os 21 anos, e eu vim para Brasília, morei na Vila do IAPI, onde chamavam Morro do Urubu, aquela região, e essa época eu enfrentava obra... sempre final de semana eu ajudava umas pessoas conhecidas em feira, e com aquilo ali eu fui gostando de feira e uns 04(quatro) anos mais ou menos eu trabalhei em obras e depois eu voltei e me dediquei a feira e até hoje estou... com feira... desde 76 que eu mexo com isso”.

“Sempre foi meu sonho Brasília e sei lá, para nós nordestinos, Juscelino era grande pessoa assim, ele fez um açude muito grande vizinho da gente, Açude do Oróz, então na época falava Brasília de Juscelino aí a gente, todo mundo... criava aquela expectativa de vim para Brasília, e como Brasília era uma cidade de sei lá, de gente de toda parte...”.

“... a pessoa que tinha um barraco na Vila do IAPI conseguia um lote aqui na Ceilândia, só que eu ganhei esse lote era tão difícil as coisas que deixei abandonado prá lá e fui embora... em 75 voltei e acabei comprando esse aqui...”.

“... a gente não tinha nada, você de noite trazia da obra o óleo, colocava fogo numa lata assim ao lado, prá ficar aquilo claro, aí você via cobra... mosquito, quem agüenta?...”.

"... A Ceilândia tem mais gente aqui é paraibano e cearense, eu não sei, desses dois que eu conheço muitas pessoas, na área onde eu frequento assim, a feira é paraibano e cearense".

"... a dona Maria de Lourdes, ela cresceu mais aqui na Ceilândia através disso, ela foi uma frentista nisso desde o início da Ceilândia".

"... a diferença é grande, melhorou muito mesmo, agora era para ser bem melhor ainda, mas melhorou muito... é porque você está numa cidade onde está crescendo todo dia...".

GONÇALO GONÇALVES BEZERRA (Poeta Gongon)

Nasceu na cidade de Poeiras no estado do Ceará no dia 07 de setembro de 1939, filho de Francisco Fortunato Gonçalves e Gonçalves Maria Bezerra, casado com Raimunda Nair Alves Bezerra, pai de 05 (cinco) filhos, é poeta, cordelista, escritor e Presidente da Federação Nacional das Associações de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas (FENACREPC) e do Movimento Brasileiro de Cordel (MBC). Chegou a Brasília em 1958 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"Saí da cidade de Poeiras no dia 20 de novembro de 1958 às 12 horas do dia chegando a Brasília no dia 04 de dezembro é do mesmo ano às 11h30' do dia... chegando em Brasília eu trabalhei na Construtora Civilsan, Engenharia Civil e Sanitária S.A., até hoje existe... eu sou poeta, cordelista, escritor e também faço repente assim de improviso mas eu não estou me dedicando a isso, eu apenas sou poeta, cordelista escritor e modesta à parte sou presidente da Federação... Nacional das Associações de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas, e também do MBC, Movimento Brasileiro de Cordel...".

"... nós sabemos que o Nordeste, ele é muito propenso a seca... em 1958... foi uma das secas mais terríveis que houve no Nordeste... na época Juscelino tinha iniciado Brasília... eu dado a circunstância de dificuldade do interior, de roça... aí eu vim para Brasília, viemos de pau-de-arara, aquela viagem sofrida...".

"Tudo aquilo foi invasão... é só o Guará I e II não foram invasão, o resto tudo foi invasão... e Ceilândia também não foi diferente, começando do IAPI, e lá nas imediações tinha a Vila do IAPI, tinha o Morro do Querosene, tinha a Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão, Vila Tenório, Placa das Mercedes, Vila dos Carroceiros... e tinha o Morro do Urubu... era uma continuação do IAPI o Morro do Urubu, era um lugar muito temido, um local de prostituição... Hélio Prates da Silveira trouxe um doutor, Otomar Lopes Cardoso, foi Secretário do Serviço Social dele... tratava-se de uma cidade operária... então o pessoal não poderia ser deslocado para muito longe do seu setor de trabalho... essa área aqui era do Exército, todinha era um centro de observação do exército, essa parte de Taguatinga... aí foi que completou assim um barril, ele era tipo um barril o mapa de Ceilândia...".

“Não levou nem um ano para fazer a remoção... Ceilândia não é igualmente hoje, mas era 17 mil barracos, o governador assinou 17 mil lotes... esses lotes eles foram vendidos, embora a preço simbólico”.

“09 de novembro de 86 foi inaugurada a Casa do Cantador com a presença do presidente Sarney...”.

“A diferença de Ceilândia de ontem para a Ceilândia de hoje, mudou exatamente da água para o vinho... a Ceilândia de hoje já exporta coisa para o exterior, construída, feita e industrializada aqui mesmo. A Ceilândia de hoje é uma cidade que todo mundo acredita, a Ceilândia de hoje tem um poder aquisitivo muito bom... não quero dizer com isso que seja uma cidade que não tenha pobreza, não tenha dificuldade, não tenha falta de segurança, que nós sabemos que a cidade não é provida, nem nos países de primeiro mundo não é, mas para comparar o que foi e o que é, respondendo a sua pergunta, hoje não, é diferença muito grande em tudo por tudo, e em sistema de trânsito... sistema de comunicação..., comércio muito adiantado de Ceilândia, casas comerciais, feiras boas, feira de atacado... a cultura na Ceilândia, tem um Centro Cultural, sem falar na Casa do Cantador,... na parte de Turismo também... valeu à pena”.

ILTON FERREIRA MENDES

Nasceu na cidade de Salinas no estado de Minas Gerais no dia 09 de novembro de 1948, filho de Arlindo Ferreira Mendes e Enídia Maria Mendes, casado com Maria Alice Santana Ferreira, pai de 05 (cinco) filhos, formado em Matemática, Pedagogia e Direito, hoje Vice-Presidente da ACIC (Associação Comercial e Industrial de Ceilândia). Chegou a Brasília em 1969 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... meu primeiro trabalho aqui foi o levantamento das invasões, nós fizemos um levantamento em todas as invasões ali nas imediações do Núcleo Bandeirante, já com a finalidade de remover aquelas invasões de lá e logo depois, que foram catalogados todos esses cadastros feitos, o governo resolveu fazer a mudança e eu fui convidado para integrar a equipe que faria então a remoção das invasões um grupo que viria para Ceilândia e um outro grupo que iria fazer as demolições dos barracos... éramos em torno de 150 pessoas”.

“... eu estou aqui desde às 8 horas da manhã de 27 de março de 1971 ... porque nós éramos da equipe, viemos para cá para receber o primeiro ato, e a partir desse dia nós trabalhamos até o dia que terminou, nós trouxemos prá cá o último barraco das invasões, durou 11 meses e 21 dias”.

“... às vezes as pessoas que trabalhavam, absorviam esses problemas e não conseguiam desvencilhar-se deles, ia para casa e dormia com esses problemas e acordavam com eles, muitos ficaram perturbados com esse trabalho... acho que sem exceção, todos eram obrigados a se envolver, não por uma determinação mas por uma questão de solidariedade”.

“... gente do Brasil inteiro que vinha para Brasília em busca de tratamento de saúde, trabalho, escola, em busca de tudo, um pessoal mais pobre e que não tinha outras opções, então terminavam encostando ali em casa de parente ou encontrava um cantinho, levantava o seu barracinho de papelão às vezes... e de madeira, era um espaço mais perto do Plano Piloto, portanto tinha alguns privilégios em termos de transporte”.

“... Esperança das invasões, era a mais bem localizada e organizada de todas, a Vila Esperança, já tinha grandes comércios, ficava ali logo à direita daquela pista do Núcleo Bandeirante, que vem do Plano, onde hoje tem um setor de lapidação de pedras preciosas, era organizado, muito bonito por sinal”.

“Eu acho que o sucesso, que a Ceilândia é uma cidade vitoriosa, a população daqui é uma população vitoriosa, porque existia essa vontade, nós percebíamos muito isso aí ao mostrar, ao entregar o documento, a ordem de ocupação do lote de cada um, eles agarravam aquilo ali com muita fé, com muita esperança de ter ali o seu pedaço de chão, e ter a sua residência, ter o seu endereço, mais de 400 mil habitantes”.

“... eu acho que o projeto da Ceilândia é fantástico, um dos nomes sugeridos para a cidade, Barril, pelo formato do projeto, mas quando esse nome já estava ganhando perante às pessoas que estavam escolhendo, alguém levantou: ‘pôxa, mas barril vem de cachaça, nós estamos chamando os moradores de cachaceiro’, portanto não foi aceito o nome, e como aqui no Goiás tem muita terminologia lândia, alguém sugeriu que homenageasse a esposa do governador pela campanha e colocasse Ceilândia - CEI com a terminologia lândia”.

“Desse movimento de fundo de quintal. que às vezes, começou assim escondido e muitos faziam questão de permanecer escondido para não ser fiscalizado, então nos deparamos com muita coisa bonita, bem feita de qualidade, o Alvaro lassino falou: ‘Puxa a gente podia criar um selo aqui para a cidade, tem muito produto bom, muito produto interessante’, faltava apenas uma questão de organizar e de você procurar vender esses produtos aí fora e foi onde surgiu a idéia do MADE IN CEILÂNDIA com intenção de mostrar o que fabricávamos aqui dentro”.

JOSÉ MATTÃO

Nasceu na cidade de Guiratinga no estado do Mato Grosso em 11 de agosto de 1932, filho de Manuel Mattão e Antônia Mattão, casado com Dercione Gomes de Moraes, pai de 04 (quatro) filhos, servidor público do DF, microempresário, fundador da Sociedade Espírita de Ceilândia. Chegou a Brasília em 1958 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1978.

“Trabalhamos, eu e os outros irmãos Paulo Mattão, na construção daquela ponte do Rio das Almas, como serventes, trabalhando para o Doutor, o engenheiro Bernardo Sayão Carvalho de Araújo, assim começou a minha vida...”.

“... chegando em Brasília em 1958, trabalhei para Doutor Bernardo, que já era meu conhecido, como motorista numa empresa da construção civil, do Dr. José Chaves...”.

“... A Ceilândia de hoje ela é muito modificada daquela Ceilândia de antigamente, que quando houve a mudança da invasão do IAPI para aqui, naquela época surgiu muita violência hoje o povo ainda clama que tem essa violência, mas ela está muito melhor, o índice caiu muito...”.

LUIZ GONZAGA RIBEIRO LOBÃO

Nasceu na cidade de Teresina no estado do Piauí no dia 2 de julho de 1950, filho de Vicente Gonçalves Lobão e Marcelina Ribeiro Neves Lobão, casado com Leonice Dias da Silva, pai de 01 (uma) filha, artista plástico. Chegou a Brasília em 1962 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... meu pai não queria que eu fosse artista não... eu juntava pedaço de papelão de caixa para mim pintar, passava, pegava pedia tinta branca nas construções aonde e via e criava as minhas pinturas, nesse tempo quem me ajudava era a minha mãe, escondido do meu pai, tirando dinheiro do meu pai, meu pai não queria de jeito nenhum não, meu pai quèria que eu fosse arquiteto, pai não queria que eu fosse artista plástico, de jeito nenhum”.

“... eu comecei com desenho depois de um ano passei a pintar no estilo figurativo, eram pinturas primitivas dentro do figurativo, passei 6 anos com essa fase, depois do primitivo entrei na fase geométrica cubista, fiquei uns quatro, depois do cubismo eu passei uns 2 anos, voltei ao figurativo que eu pintava, só pássaro, mulher, como eu ainda não estava realizado dentro da pintura entrei no abstrato porque ele trabalha muito com as formas, cores e ele mexe muito com a cabeça”.

“... não tinha delegacia... não tinha briga, não tinha assalto, não tinha nada disso, a gente andava de noite, nada disso tinha, a única confusão que tinha é que a água vinha no carro pipa, o carro pipa chegava... para abastecer cada um colocava seu tambor, tinha aquela briga para encher primeiro, muitas vezes não enchia o tambor da outra pessoa, deixava só meio, as mulheres começavam a brigar”.

“Lazer não tinha nada, a única coisa que tinha era umas radiolinhas a pilha que a gente colocava para tocar, juntava assim no final de semana com os vizinhos... fazia bailinho”.

“A Ceilândia hoje é uma Metrópole, mas eu acho que a Ceilândia ela foi mais pelo esforço dos moradores... pelo povão da Ceilândia... povo lutador, bravo, na luta, que a Ceilândia eu acho que ela poderia ser melhor”.

LUZIMAR OLIVEIRA

Nasceu na cidade de Condado da Paraíba no estado da Paraíba no dia 14 de dezembro de 1939, filho de Rosa Maria de Oliveira, casado com Maria Alves de Oliveira, pai de 06 (seis) filhos, foi vigilante e atualmente comerciante. Chegou a Brasília em 1968 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... quando eu fui para a Vila do IAPI em 1969, logo eu comprei um barraco de padaria,... não tinha padaria, era só um cilindrozinho de puxado na mão, tocado no braço mesmo... tinha dia de fazer até 2000(dois mil) pães, no cilindro assim...”.

“... na época não tinha a violência que tem hoje, era menos, hoje tem mais, depois de iluminada, asfaltada, toda bacana a violência é mais, porque hoje é outra coisa, o pessoal é muito diferente...”.

“Buscava num galão, duas latas, botava num pau duas latas e trazia... ah! As coisas foram muito difíceis aqui... mas para pobre as coisas são muito difíceis, tem ajuda só de Deus, porque eles davam uma sopa também... o Serviço Social dava a sopa”.

“A energia, quando nós chegamos aqui não tinha, passou 3(três) anos sem energia... tinha não senhora, hospital aqui... Taguatinga e para o Plano... ou a Vila do IAPI, no IAPI tinha um, antigo Hospital do IAPI... escola não demorou muito não, a escola até que veio rápido... logo na 23 tem esse colégio ali que foi inaugurado no ano mesmo... esse negócio de educação eles cuidaram muito cedo”.

“A Ceilândia tem condições de ser uma das melhores cidades do Distrito Federal, eu gosto de Ceilândia, adoro e para começar eu fiz música homenageando Ceilândia... ‘Ceilândia é muito bom, Ceilândia é legal, é o lugar do Distrito Federal”.

MANOEL LUIZ BORGES

Nasceu na cidade de Cristópolis no estado da Bahia no dia 28 de março de 1934, filho de Luiz José Borges e Rosalina Borges, casado com Emília Borges dos Santos, pai de 05 (cinco) filhos, marceneiro. Chegou a Brasília em 1960(Vila do IAPI) e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“Em 1954 vim da Bahia para Ceres-GO, aí foi que existiu Brasília, naquele tempo conheci Bernardo Sayão, ainda naquele tempo, ele fazia a Colônia Agrícola”.

“A coisa para lá na roça, toda vida interior ali é difícil, na roça, não é só aquele tempo, toda vida foi um tempo só, a gente veio para cá pela infância de querer, vou para o lugar ganhar a vida, até hoje o pessoal faz isso, ‘vou ganhar a vida em tal lugar’ uns dão sorte outros não dão”.

"A transferência de lá para cá e foi arrancado o barraco e todo mundo veio de lá para cá com bom gosto, tudo alegre, satisfeitos".

"Aqui era assim, era noite e dia você ouvia era o som 'currutu, currutu, currutu', era serrote, martelo 'pá, pá, pá' a noite inteira e o dia inteiro, um sai, ajudava o outro, o outro sai fazia mutirão".

"Que ela podia ser melhor ainda, melhor ainda, que está bom, pode dizer que está bom, tem aula para criança... e condições para as pessoas irem para o serviço, tem médico, Hospital da Ceilândia, é tem tudo o que precisa, está tendo na Ceilândia, mas não está tendo bem conforto".

MARIA DAS GRAÇAS PIMENTEL

Nasceu na cidade de Caputira no estado de Minas Gerais no dia 09 de setembro de 1960, filha de José Pimentel e Maria Assunção Pimentel, casada com Ronildo Divino de Menezes, mãe de 6 (seis) filhos, Professora, Pedagoga, pós graduada em Administração Escolar, e atualmente Chefe Administrativo da Biblioteca Pública de Ceilândia. Chegou a Brasília em 1967 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"... meus pais moravam no interior, e na época da construção de Brasília, muitos dos vizinhos dele estavam vindo para cá e ele então, se motivou também a vir para cá em busca de uma vida melhor de uma condição melhor de vida, e o que ele mais procurava, era que os filhos então pudessem estudar e tivessem uma condição melhor. Um futuro melhor".

"... nosso primeiro local de residência foi a Vila do IAPI, houve então uma remoção desta invasão, não só a Vila do IAPI, tinha o Morro do Urubu e outras vilas ali próximas do IAPI que foram remanejadas para Ceilândia, e nós fizemos parte deste grupo que foi remanejado para Ceilândia... nós viemos para Ceilândia em 1971".

"A princípio foi de medo, porque as pessoas, a gente tem sempre medo do novo... fica aquela questão da desconfiança e também porque a cidade era muito distante do Plano Piloto que era onde eles trabalhavam... mas atrás de tudo isso existia uma grande esperança de que lá seria o lugar bom para formar o futuro junto com a família...".

"Quando nós chegávamos aqui, já tinha ali a Kombi para nos servir a sopa... formavam filas de pessoas com as suas panelinhas ali para encostar e pegar a sopa e levar para as suas famílias, então houve essa assistência assim no ato da remoção...".

"... o que nós tínhamos de grandioso era a escola construída em alvenaria, toda de alvenaria... com janelas de vidro, então aquilo enchia os nossos olhos,

que nós tínhamos uma escola assim quando nós estávamos na Vila... então ali estava toda a nossa esperança, mas as dificuldades existiam, falta de ônibus, falta de água, escuro, era um breu, que eu nunca vi em lugar algum...”.

“... Ceilândia hoje é extremamente politizada, porque eles participam de tudo, Ceilândia hoje é uma cidade satélite que decide eleições. As lideranças comunitárias... elas estão atentas a tudo...”.

“... ontem nós estávamos projetando para o futuro, hoje nós estamos, vamos dizer assim, já dentro de um futuro, algo construído ao longo dos anos e com muito orgulho... então hoje, Ceilândia é uma realidade”.

MARIA DE LOURDES ABADIA

Nasceu na cidade de Bela Vista de Goiás no estado de Goiás em 14 de agosto de 1944, filha de Eduardo Borges de Oliveira e Geni Bonifácio Borges, casada com Nelson de Sousa Pantoja, é Assistente Social, foi Administradora Regional de Ceilândia (1975-1985), Deputada Federal (Constituinte, 1987-1991), Deputada Distrital (1991-1994), Secretária de Turismo (1995), Deputada Federal (1999-2002), Secretária de Estado de Coordenação das Administrações Regionais do Governo do Distrito Federal (2001-2001), atualmente Vice-Governadora do Distrito Federal (2003-2006) e também designada Coordenadora Geral do Programa de Desenvolvimento Social do Distrito Federal. Chegou a Brasília em 1960.

“Eu sou assistente social... tive assim oportunidade de depois de terminar a faculdade fazer algumas especializações, entre elas na área de municipalização e na área de desenvolvimento de comunidades, sempre nessa área carente”.

“... fui administradora de Ceilândia... por 10 anos e trabalhei antes como coordenadora do Serviço Social... Deputada Constituinte de 88, mas a primeira eleição de Brasília foi em 1986... a posse dos Deputados Constituintes foi em 1987 e a promulgação da Constituição 88... depois em 1990 eu fui... candidata a Deputada Distrital justamente para participar da elaboração da primeira Lei Orgânica do Distrito Federal... depois em 1990, eu saí candidata ao governo do Distrito Federal, não fui eleita... mas eu fui Secretária de Turismo, em 1995, assumi a Secretaria de Turismo depois fui, em 1998 novamente candidata a Deputada Federal eleita e agora nesse último ano de Deputada eu me licenciei para assumir a Coordenação das Administrações Regionais”.

“... nós morávamos em Anápolis e meu pai veio em 1958, antes da inauguração de Brasília... e nós ficamos em Anápolis, porque aqui não tinha escola nada e nós viemos com ele em 1960, em janeiro de 1960, então nós pegamos a inauguração de Brasília, eu estudei no Ginásio Brasília, que foi o ginásio do Núcleo Bandeirante, nós morávamos no Núcleo Bandeirante, na Terceira Avenida, aliás na invasão da 3ª Avenida... eu estudei no colégio do Ginásio Brasília depois no colégio La Salle e meu pai foi fichado, naquela época eles falavam assim, foi

fichado na NOVACAP e ele era jardineiro da NOVACAP, então ele ajudou, participou da urbanização...”.

“... essa coordenação do caso Ceilândia... ele teve a responsabilidade da Secretaria de Serviços Sociais, que na época tinha como Secretário o Dr. Otomar Lopes Cardoso e o Prof. José Lucena Dantas, que hoje é o secretário particular do Presidente Fernando Henrique, eles então criaram esse grupo antes do Grupo de Erradicação existia o grupo GER-Grupo Executivo de Remoção... e depois era o GECC... que era o Grupo Executivo de Consolidação de Ceilândia... e eu então participei, no primeiro momento, eu era estudante de Serviço Social da UNB e foram requisitadas, me parece que 8 ou 11 ... estudantes... dos últimos anos para fazer estágio e nós participamos da pesquisa, na época quem era uma das técnicas... que participava desse grupo inicial do estudo e da formatação do projeto era... a assistente social Julimar, mas nós entramos como estagiárias para fazer a pesquisa... depois eu me formei, foi quando tinha já iniciado a remoção, mas a gente já conhecia toda a realidade, conhecia as pessoas e nós participamos desta transferência, desta remoção das favelas... essas invasões elas começaram atrás do primeiro hospital de Brasília, ele chamava Hospital do IAPI, então era invasão do IAPI, os pioneiros, quando eles, por exemplo, terminavam de construir aqui o Congresso Nacional, o Palácio e os Ministérios, os alojamentos eram perto das construções, quando terminavam a construção, os alojamentos, tinham que limpar a obra, mas com o tempo, que na medida que Brasília foi sendo concluída, construída, eles achavam melhor já ter um canto mais fixo para eles, então foi quando eles começaram essa invasão, ao lado do Hospital do IAPI, chamou invasão do IAPI, que eram esses candangos, esses pioneiros das construtoras que começaram a fazer seus barracos lá... aquele lado era aonde existia a Vila Tenório, a Vila Cavalcante... Vila Esperança... Bernardo Sayão... a Placa da Mercedes, Morro do Querosene”.

“... houve um apelo, até hoje, quando as pessoas falam: ‘ah, o Governador Roriz atrai a população, por causa que dá lote’, não nada, quem fez o primeiro apelo para o Brasil foi Juscelino Kubitschek, quando ele chamou os brasileiros para vir ajudar a construir Brasília... todo mundo era tratado como irmãos, todo mundo igual, todo mundo morava em barraco, todo mundo era sujo de poeira, quando era época de chuva todo mundo vivia com os pés cheios de lama, então foi uma coisa muito bonita, então eu, essa questão do início de Brasília, o grande chamamento foi JK quem fez”.

“Foi no governo Hélio Prates da Silveira... a Campanha de Erradicação... e quem coordenava essa campanha era a Dona Vera Prates da Silveira, a primeira dama, com a esposa do Dr. Otomar Lopes Cardoso, Dona Déia Cardoso e ela trabalhava com as voluntárias, com as esposas de Secretários, a sociedade, a alta sociedade de Brasília, arrecadando telhas, cimento, tábuas, pregos, caibros, areia e cimento... da Campanha de Erradicação de Invasões ela dava também uma sopa, e essa sopa era muito importante, porque às vezes, quer dizer a pessoa que

está mudando, chegar em um cerradão... não tem nada, aquilo tudo aquela loucura, então as voluntárias, quando chegavam com a Kombi, aqueles panelões de sopa, e as crianças vinham com as vasilhas, os que eram transferidos naquele dia, e elas ficavam sempre dando essa assistência... até mesmo porque não tinha lugar para você comprar nada, pão, nada, então essa campanha ela, ela teve assim uma função social, humana e cristã, muito grande, porque ela dava assim com muita dignidade uma sopa muito boa, distribuía leite, distribuía os pães porque não tinha nada ali”.

“Tudo cerrado com as picadas traçadas, o plano urbanístico da cidade foi traçado, só as ruas abrindo, e os barracos sendo colocados com a turma de topografia marcando e eles pegavam uma ficha, eles eram avisados nas invasões do dia da mudança, pegava aquela ficha e pegava a ordem de ocupação daquele endereço, eles eram colocados lá, os carpinteiros ajudavam quando a família não tinha como, ajudava a fazer, a montar o barraco e o cômodo para a família pelo menos dormir naquela noite. Teve época de se mudar 150 famílias por dia, no auge... ela começou dia 27 de março de 1971 e terminou dia 9 de março de 1972... em homenagem a essa Campanha de Erradicação... CEI, Ceilândia, a cidade da CEI... Ney Gabriel... Belíssimo... ele tem a forma de um barril, ele começou como Brasília, duas linhas retas que se cruzam com o sinal da cruz, o mesmo traço e... o mesmo sentido da de Brasília, cada quadra de Ceilândia, ele era dividido em quadra, cada quadra em conjuntos... e se não me falha ainda a memória parece que ela vai de A a P... e cada quadra tem, acho que são 16 conjuntos, nas entrequadradas tem o ponto, o abrigo de ônibus, tem o estacionamento, comércio, a Igreja, a escola, a praça, o estacionamento, o comércio e o ponto de ônibus, que ela pega de uma pista a outra”.

“Foi criada a Administração Regional, que ela era uma administração como se fosse uma extensão de Taguatinga, porque Ceilândia é uma extensão de Taguatinga... foi em julho de 75, que foi criada e eu fui então convidada a assumir a primeira, para ser a primeira Administradora Regional de Ceilândia... na verdade mesmo que ela aumentou foi a poligonal, ela entrou na área rural também, mas o tipo de trabalho continuou o mesmo quer dizer ela desvinculou de Taguatinga, teve a autonomia de planejamento e essa coisa mais independente mas, praticamente ela sempre foi independente assim de fato, de direito ela era ligada mas de fato ela sempre foi, agora com a criação da Região Administrativa a poligonal cresceu incorporando a área rural a Ceilândia”.

“Só tinha uma delegacia de polícia, a décima quinta e um posto de saúde onde hoje é o hospital, só um serviço social, uma delegacia e foram construindo as escolas nas entrequadradas... foi implantando toda a infra-estrutura, na época tinha o BNH, que era o grande financiador de infra-estrutura e construção de casas habitacionais, então foi quando criou-se o grande projeto de Ceilândia, que era a infra-estrutura da cidade, água, luz, esgoto, asfalto, captação de águas pluviais e depois a habitação, foi quando foram construídos os conjuntos

habitacionais da Guariroba, Setor O, PNorte e PSul e depois, muito já no final é que deu a expansão do Setor O, que já foi ocupação de lotes, não casas populares”.

“... basicamente o entretenimento da cidade nessa época era Feira Livre, era pelada, futebol... até hoje tem, e em junho, no aniversário da cidade, é junho, nós comemorávamos o aniversário da cidade porque março chovia que era uma loucura, então a gente fazia a festa junina, o forró comunitário... era uma coisa maravilhosa... você botava oitenta mil pessoas dançando forró a céu aberto, não tinha uma briga, nada”.

“Então por exemplo, quando você fala assim, os pioneiros falam no seu nome, porque a referência era o social, o Serviço Social, e a gente estava lá todo dia, toda noite, sábado, domingo, então qualquer coisa, vamos lá no Serviço Social, que o Serviço Social que resolvia, antes de 75... nós tínhamos casos, por exemplo, mais na frente, muito interessante assim, a mulher plantou o abacateiro, na divisa, o abacateiro cresceu, o abacate era muito grande e caía no telhado do barraco do outro, ele pediu que ela cortasse o abacateiro porque o abacate estava caindo e quebrando aquela telhinha... ‘quem manda no meu abacateiro sou eu, não vou cortar’, minha filha a briga era tamanha que quase saía morte, peixeirada naquele tempo iam para lá, e lá ia eu: ‘Que quê é isso? não é isso’, vai não vai... quer dizer no final a gente conseguia um acordo de cortar o lado dele e deixar o lado de cá”.

“Ceilândia é politizada e democratizada, quem achar que comanda Ceilândia está redondamente enganado, ela é democrática, ela é democratizada. É uma cidade que a pessoa sabe o que quer, ela não é manipulada...”.

“Olha eu acho que são fases, por exemplo, a Ceilândia completou agora 31 anos, então não é a mesma cidade, que hoje está globalizada, ligada na Internet... com faculdades lá dentro, um poder econômico grande, não é a mesma de 31 anos atrás, então eu vejo a cidade assim por fases, ela teve a fase do pioneirismo, da sua implantação, da busca da sua identidade, da sua luta de sobrevivência que foi muito bonita... eu acho que poucas pessoas no mundo tiveram o privilégio que eu tive de participar dessa saga, da construção de uma cidade, eu acho que a gente pode bater no peito e dizer que Juscelino e eu tivemos essa oportunidade de começarmos do nada e depois ver a cidade florescendo, depois teve a fase assim da identidade, quem é Ceilândia, aquela briga, porque ela tinha um rótulo de cidade violenta e a população reagia, de uma cidade de excluídos... depois teve a época por exemplo mais da consolidação, quer dizer, quando toda a infra-estrutura... é a época de Brasília, quer dizer, porque as valas de captação de águas pluviais pega a rua inteira, aquilo o povo caía lá dentro, bêbado caía, vinha chuva enchia d’água, era uma confusão, poeira, máquina, o vento, então foi uma época muito sofrida da Ceilândia mas, um sofrimento com esperança... Ceilândia é uma cidade que

sempre olhou para a frente e, depois quer dizer a consolidação, da construção de todas as escolas, hospital, dos postos de saúde, iluminação pública, da chegada do telefone, você precisa de ver a beleza do povo, a primeira vez que tem um telefone em casa, se comunicando com a família, era uma auto estima... eles buscando em referenciais da classe média, a construção da sua própria vida, era a cama, a colcha... as colchas de cetim de matelassê com aquela boneca em cima e a penteadeira cheia de perfume da Avon... a geladeira com o pingüim em cima, os famosos pingüim da geladeira, a televisão depois, o sofá na sala, olha essa conquista foi belíssima... acompanhei todas as fases da cidade, acho que hoje ela é uma cidade se consolidando, porque nunca uma cidade, já me disseram isso, uma cidade é como uma catedral, você nunca termina de fazer”.

“Olha Ceilândia foi assim, resumindo, ela foi tudo na minha vida, primeiro profissionalmente, porque eu acho que poucas pessoas da área social, como assistente social, tiveram o privilégio de ter comandado um processo desse, ter vivido essa experiência do comando, da implantação... eu digo sempre que Ceilândia foi assim uma terra bem adubada que a gente lançou sementes, que essa semente brotou e deu frutos, e tem raízes, tudo isso é a minha vida, toda a minha vida, tanto profissional quanto política eu devo à Ceilândia e eu assim, a minha referência, a minha história, ela está assim umbilicalmente e emocionalmente ligada a Ceilândia por tudo que ela representou para mim e acho que nesse caso também, o que eu representei para ela”.

MARIA DO SOCORRO PIRES

Nasceu na cidade de Belém do São Francisco no estado de Pernambuco no dia 25 de setembro de 1929, filha de José Pires da Silva e Maria da Silva Arafan, viúva, mãe de 09 (nove) filhos, comerciante. Chegou a Brasília em 1957 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“... não queria mais ficar lá no Núcleo Bandeirante, nós vendemos o lote, o lote era comercial e compramos na Tenório e a fim de mudar pra Ceilândia,... montamos comércio”.

“... eles deram o caminhão, eles mesmos ajudaram a fazer a mudança. Chegamos aqui, acho que não tinha era nada, tinha não, meu marido que botou trabalhador para limpar, depois arrumamos a barraca de lona”.

“Eu tive ajuda da igreja no Núcleo Bandeirante, do Padre Roque, quando queimou nosso armazém, queimou foi um quarteirão de fora a fora”.

“... Ceilândia, mudou bem, mudou muito, agora só é ruim porque uma coisa, inclusive aqui para nós até que não é não, mas esses bandidos... e aliás, às vezes é nem tanto daqui, vem lá de fora, Ceilândia é mal vista, aí fala tudo é Ceilândia”.

PEDRINA DE OLIVEIRA COELHO

Nasceu na cidade de Paraibana no estado do Maranhão no dia 29 de junho de 1952, filha de Raimundo Avelino Coelho e Carolina Alves de Oliveira, casada com Derival José de Paula, mãe de 04 (quatro) filhos, comerciante. Chegou a Brasília em 1969 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"... sempre lidei com o comércio, desde os dez anos de idade, que eu pesava coco lá no Maranhão já, saco de coco".

"... lá eu não ganhava, trabalhava, trabalhava o dinheiro não dava para comprar nem o sapato que eu queria e nem o vestido, aí eu tive que vir para cá, que o meu irmão morava aqui no Gama".

"... eu vim para onde ele, quando nós chegamos, quando eu cheguei aqui, ele comprou uma vila lá ô, um barraco lá na Vila do IAPI, de lá nós viemos para a Ceilândia".

"... no comércio, eu pus papelaria, eu pus aqui na Ceilândia...".

"... Ah! Eu sempre, eu pensava que, como eu pensava aconteceu, porque eu pensava que ia ser bom, que é uma cidade nova, que eu ia prosperar bastante e deu certo".

"... só o lote, jogou nós aqui, não, mas eles, só que a gente tinha já, nós viemos preparados... foi um caminhão do governo".

"... Ah! o comércio daqui é muito bom, pode ter, pode ter mil comércio que todo mundo vende, todo mundo vende, o povo não para de comprar, nem que compre o baratinho nas compras, sempre a gente vende, todo mundo".

"... tem muita Associação, e às vezes tem, tem uns que são meio desunidos, mas está meio desunido a gente busca para o lado da gente, porque unido a gente fica bem mais forte".

"... Ah! mudou tudo, só que está vindo muita gente de fora para cá e os que vem de fora já assim pega o espaço do, como é que é, porque ele vem com muito dinheiro e ele pega o espaço do pioneiro mesmo, é que o pioneiro às vezes está apurado e o outro chega oferecendo muito dinheiro".

"... é uma potência a Ceilândia, tem muita gente boa aqui, muita gente, é o melhor comércio que tem, eu acho... quase tudo é muito bom, principalmente o centro... a cidade cresceu bastante".

SEVERINA ETELVINA DO NASCIMENTO

Nasceu na cidade de São José do Egito no estado de Pernambuco no dia 27 de abril de 1933, filha de Firmino Luís Fernandes e Etelevina Maria Fernandes, casada com José Manoel do Nascimento, mãe de 14 (quatorze) filhos, auxiliar de escritório. Chegou a Brasília em 1962 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“O estudo foi muito pouco, porque aonde a gente morava era muito difícil para estudar, só tinha aula na cidade e nós morávamos no sítio, então eu estudei até a 5ª série primária de antigamente, só foi isso que eu pude fazer, e então casei-me e fui criar a família e lutar e não... cadê escola? nunca mais... trabalhava na roça... depois quando eu cheguei nós morávamos na Vila do IAPI, tinha um restaurante, dava marmita para as firmas e dava em casa também marmita, e depois nós moramos ou três anos lá e viemos para a Ceilândia”.

“Porque lá não tinha recurso para a gente filha, era difícil... não tinha trabalho, só na roça, e chovia era de 2 em 2 anos, ou de 3 em 3 e não tinha água nem para beber, não tinha como a gente criar qualquer coisa, só servia de criar um porco, uma galinha, e daí minha filha... e eu não tinha como criar minha família lá, aí viemos embora para aqui”.

“Nós morávamos num barraquinho de tábuas e moravam 14 pessoas com a gente de aluguel e eu fazendo marmita e fornecendo para eles, trabalhando na firma junto com meu esposo. Tudo família da gente não sabe? Mas era um Deus nos acuda, uns em cima dos outros não sabe?... Só que era tudo limpinho, arrumadinho, mas era em um barraco de tábuas, e as pessoas que vinham do Nordeste, família dele e morando tudo com a gente, e a gente sustentando eles, e eles mandando o dinheirinho para as famílias no Nordeste... muita luta né filha”.

“Tinha só luz... só terra minha filha, asfalto era só perto ali, daquela entrada... da Candangolândia... por ali tinha o asfalto e o resto era terra, e menino doente e menino com febre, e menino com sarampo... água de poço... junto com as fossas minha filha”.

“As camas de quem morava lá em casa, de aluguel, era uma em cima da outra assim, aquele jirau que nem jirau de galinha, desse jeito, eu não tenho nem vergonha de dizer que eu não vim rica... eu não vim rica para aqui, em vim para dar estudo a meus filhos e dar educação a eles, que lá ninguém podia dar”.

“... ninguém queria sair da Vila, que achava que era uma vida boa. E para vir para dentro dos matos, que nem era Ceilândia, todo domingo, vinha um ônibus de gente de lá da Vila do IAPI para mostrar a nós a cidade nova que nós íamos

ficar... que nós ficamos no lugar melhor e quem veio com nós, que combinou, que eu sou meia 'porreta' era convidando um e outro para nós virmos por conta própria... daí os nossos vizinhos ficaram na 6 aonde tinha poeira... e nós viemos e ficamos aqui, logo teve asfalto, logo teve energia, teve colégio para as crianças, nós não tínhamos nada minha filha, vinha os CDS com as Kombi de comida para dar aquela sopona pra gente, aqueles caldeirão cheio de sopa, nós íamos em Taguatinga uma vez com criança doente, quando nós chegávamos, só sabia onde era o barraco porque tinha o fogo, a fumacinha subindo, mas nós ficávamos rodando, nem acertava onde era, cada uma cobra minha filha de duas cabeças, deste tamanho, um barraco velho de lona preta”.

“Tu pensa que nós banhava os meninos todo dia? Não tinha água, o carro pipa passava de 15 em 15 dias, ou de 8 em 8 dias, enchendo aqueles tambores, o povo vinha de noite e roubava... não tinha vasilha para colocar minha filha, dentro de casa, mas também tinha dia que ia ver água ao menos nos tambores para fazer café, estava seco, não tinha água nem que desse um comprimido para uma criança, e assim mesmo o povo ainda fala de quem arruma as coisas em Brasília... nem tinha lampião não, era só vela, vela mesmo... nós não podíamos comprar minha filha, o lampião... graças a Deus logo eles colocaram os postes, colocaram a luz, foi quebrando o galho e nós fomos lutando... não tinha ônibus aqui não... só de caminhão pau-de-arara... os paus-de-arara, eu nem me lembrava, mas era os paus-de-arara. Algum ônibus que passava aqui para o Plano... não, demorou muito... eles botaram essa linha de ônibus aqui, colégio também... logo que viemos para cá, aqui já tinha colégio... por dentro dos matos, mas já tinha... uns tempos, aí o pessoal foi se organizando, foi botando mercadozinho... tinha a Farmácia Isa... uma padariazinha ali de seu Expedito”.

“Valeu a pena nós termos vindo de Pernambuco para aqui muito, muito, muito, não tem nem como agradecer a Deus”.

SEVERINO BEZERRA DA SILVA

Nasceu na cidade de Passira no estado de Pernambuco no dia 01 de novembro de 1939, filho de Sebastião Bezerra da Silva e Josefa Francisca do Amor Divino, casado com América Bezerra da Silva, pai de 07 (sete) filhos, marceneiro. Chegou a Brasília em 1960, e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

“A minha mudança para Brasília, eu saí de Pernambuco em 1959, uma seca muito grande e eu saí de lá para cá, não saí nem para aqui, eu saí para o Paraná... aí com o tempo eu vim para São Paulo, de São Paulo eu vim para Brasília, eu cheguei em 1960, assisti a inauguração”.

“Cidade Livre é uma cidade que tinha três pessoas, acho que meia dúzia de pessoas que tinham coragem, quando o governo daquele tempo da vassoura,

que ia acabar o Bandeirante, é o governo... Jânio Quadros, queria acabar o Bandeirante aí eu continuei, eu disse: 'vamos ficar... vamos criar um movimento aqui para nós não acabar o Bandeirante'... criamos o movimento Pró-Movimento Fixação do Bandeirante".

"... foi quando veio a remoção, veio aquela remoção eu estava no meio, eu fui lá, falei com ela na LBA, ela disse: 'Olha Severino, se você trouxer, três documentos comprovando que o senhor mora mais de cinco anos por aqui em Brasília, eu passo esses... eu lhe dou o lote'. Falei: 'Positivo'. Ai eu fui em casa depois 'Amanhã cedinho eu estou aqui'. Isso foi à tardinha, 'Amanhã cedinho eu estou aqui'. Peguei meia dúzia de documentos em casa e trouxe para ela, o primeiro documento que ela leu, ela disse: 'Só basta esse, não precisa mais de nada, então esse documento já serve para você comprovando'".

"Esse povo desde o início de Brasília, o povo hoje diz que Brasília está inchando, não, Brasília não está inchando, Brasília está é dando cobertura às pessoas que tem uma dificuldade muito grande lá fora e passa a morar na cidade, vem para Brasília para procurar uma melhora na vida, que Brasília é a capital da República, todo mundo tem até hoje, ela como um lugar dos melhores do Brasil, pode ser mais dificultoso, mais ruim, mas é um lugar de primeira para nós é uma... para mim é um dos melhores lugares".

SEVERINO RAMOS DE LIMA (Raminho do Baião)

Nasceu na cidade de Tapera no estado da Paraíba no dia 30 de julho de 1935, filho de José Ferreira da Silva e Luzia Maria de Lima, divorciado, pai de 11 (onze) filhos, funcionário público aposentado, cantor, compositor e instrumentista. Chegou a Brasília em 1958 e sua remoção para Ceilândia ocorreu em 1971.

"Eu sou funcionário público, hoje sou aposentado aqui em Brasília pelo GDF, comecei era PDF, Prefeitura do Distrito Federal, já passei por alguns órgãos pertencentes ao GDF, hoje sou agente de polícia aposentado... sou compositor, instrumentista, meu instrumento é a sanfona, tenho trio musical e banda, componho, toco e canto".

"Eu sai da minha terra natal, torrão nordestino, como dizia o rei do baião, sai para o Rio de Janeiro com 15 anos de idade, chegando no Rio, eu já era pedreiro, construção civil, primeira profissão que eu aprendi com o meu pai, com 21 anos eu cursei mestre de obras, e vai, ganhava pouco, situação financeira não deu para prosseguir meus estudos, eu tinha um intento e tinha prazer de ser engenheiro civil mas, não cheguei lá e com a decorrência dos tempos eu vim para cá ajudar a construir...".

"Vila Tenório nasceu depois, apareceu aí um rapaz, por nome de é Fulano de tal Tenório, ele era primo do deputado Tenório Cavalcante, por isso Vila Tenório,...

então veio a Vila Tenório, daqui a pouco depois de decorrência de tempo, veio Vila Esperança, anexo, vizinha a Vila Tenório e foi crescendo ali até enquanto, até então chegou a época do governo Hélio Prates da Silveira, criou um projeto de mudança, acabar com as vilas e nascer Ceilândia... foi a administração do governo Hélio Prates da Silveira, através de reuniões e muito, muitas opiniões dos subprefeitos, que hoje é administrador regional, criaram esse plano, o governador achou por bem acabar com as vilas, nascer uma cidade oficializada, para que cada um tivesse direito ao seu lote”.

“O governador dava condução, caminhões... aqui nós tivemos e o auxílio do governador, não vamos dizer assim inteiramente mas, uma boa parte, porque água nós não tínhamos aqui, vinha água, o bombeiro fornecia para nós, a instalação hidráulica e elétrica e foi melhorando, foi ampliando a cidade, começou por aí, foi um grande sofrimento, mas hoje os residentes aqui, os moradores aqui tem prazer de dizer que tem seu lote próprio”.

“É mais do nordeste, mais do nordeste sem dúvida... tanto que é, eu não quero assim dizer que o meu gênero, que todas as cidades tenham banda e tenha trio nordestino, que eu acho que deve ter, mas em Ceilândia gente de todo o canto vem procurar aqui..., porque aqui todo mundo fala, aqui parece ser capital da Paraíba, de Pernambuco, do Ceará, do Rio Grande, do Piauí, de Alagoas, enfim do Nordeste”.

“Fomos avisados através de reunião no Núcleo Bandeirante, é isto aí, depois veio uma equipe foi formada pelo, exatamente fiscalização do núcleo do Plano Piloto, para fazer aquele serviço que nós chamamos de recenseamento... numerar, perguntar quantas pessoas tinha naquela casa, quem trabalhava, quem não trabalhava ali, e numerar, vinha uns interrogando e outros numerando aonde é que a gente morava... e muitos não quiseram vir para cá, venderam para aquele que interessava vir para cá... não era proibido vender não...”.

“Eu fiquei aqui na quadra 2, eu tenho um lote ali, hoje até que meu lote valorizou mais um pouco porque, por duas razões, hoje é comercial e está nascendo ali uma estação do metrô, e a mesma tem o nome ‘Estação Central Raminho do Baião’, a Câmara Distrital está me condecorando com esse título, que para mim é uma honra”.

“... a nossa amiga, hoje Deputada Federal Maria de Lourdes Abadia, ela criou um São João Comunitário de Ceilândia, aqui nesse cruzamento, onde tem o semáforo aqui, é na Feira Permanente, Raminho do Baião, eu, o conjunto Asa Branca do meu amigo Araújo e do meu amigo Abílio, nós éramos três, criamos essa idéia falou: ‘Lourdes vamos fazer isso num local amplo, porque vem muita gente muita gente, é uma festa anual todo mundo quer participar, foi aqui no centro de Ceilândia, vizinho à feira permanente... primeiro ano, segundo ano ela já tinha, preparou uma área definitiva, que é ali, nós chamamos hoje, denominada

como 'A área dos eucaliptos - São João Comunitário', é tanto que as festas de Ceilândia hoje, tratando-se do assunto de festas juninas, todo mundo diz 'é no eucalipto Raminho' eu respondo, 'não, não sei', porque mudaram, vai mudando...".

"... valeu a pena, desde quando saímos de um lugar que não era documentado, hoje, como eu disse a pouco e vou repetir, que porque isso aí, acredito que a satisfação de todos é dizer 'hoje eu tenho o meu lote'".

ZINÁ CAETANO DE SOUSA

Nasceu na cidade de Damolândia no estado de Goiás em 02 de março de 1949, filha de João Caetano do Carmo e Ana Bernardes do Carmo, viúva, mãe de dois (02) filhos biológicos e 12 filhos adotivos, contadora, atuou durante 11 anos no Governo do DF como Assistente Social, comerciante e fundadora do Jornal da Cidade. Chegou a Brasília em 1959 e em Ceilândia desde 1979.

"... antes da inauguração, nós chegamos em 59, de Anápolis para cá, não tinha estrada ainda, era um dia inteiro de viagem de ônibus... nós morávamos atrás daqueles ministérios, que ainda estava começando a construção, e tinha um córrego era feito artificial, passava ali, para abastecer a que se chamava a Vila Amauri e tinha também a Vila Planalto...".

"... aquilo tudo era uma grande novidade de final de semana passar nas Vilas, era um passeio e tanto... eu vi a construção de cada espaço dali e tenho assim gravado, se eu pudesse, se tivesse...".

"... quando eu vim, tinha algumas coisas, alguns lugares já tinha asfalto, agora uma coisa que a Lourdes fez e que as pessoas nem reconhecem... ela preocupou-se com a parte de esgotos no Centro...".

"... Hoje Ceilândia não é uma cidade pobre, quem pensa que Ceilândia é pobre é mais pobre do que Ceilândia, porque que tem uma cidade que não tem nada de pobre é Ceilândia... tem carências... deficiências... mas como qualquer lugar... e seu comércio é um dos melhores, é muito pujante, uma força empresarial...".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990. 197 p.
- ANUÁRIO de Brasília. Brasília: C.R. Editora, [1972]. 216 p.
- ANUÁRIO estatístico do Distrito Federal 2000. Brasília: SEDUH, 2002. CD.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL (ArPDF). **Diagnóstico dos arquivos do Governo do Distrito Federal**. Brasília, 1990. 145 p.
- _____. **Guia preliminar de fontes para a história de Brasília**. Brasília, 1988. 145 p.
- _____. **Núcleo Bandeirante: a cidade que nasceu livre**. Brasília, 2001. 40 p. (Caderno de Pesquisa, 9).
- _____. **Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal**. Brasília, 1998. 38 p.
- CEILÂNDIA: nasce uma cidade. Brasília: [s.n.], [1985?]. 95 p. il.
- CEILÂNDIA: ontem, hoje... e amanhã? Brasília: [s.n.], [1982?]. 49 p. il.
- COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL (CODEPLAN). **Estudo das condições sócio-econômicas das localidades periféricas ao plano piloto: Ceilândia**. Brasília, 1975. v. 5.
- DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Governo. **Ceilândia: plano de infra-estrutura**. Brasília, 1974. 67 p. il.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entrevistas: abordagens e uso da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994. 172 p.
- FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL (FDEF). **Atlas histórico e geográfico do Distrito Federal**. Brasília, 1997. 188 p. il.
- _____. **Escolas da FDEF: Brazlândia, Ceilândia, Gama, Núcleo Bandeirante, Taguatinga**. Brasília: COBAPA, 1985. v. 2.
- _____. **Uma política cultural nascida do debate e amadurecida pela participação comunitária**. Brasília, 1991. 56 p. il.
- LOPES, Wilson Wander. **Ceilândia tem memória**. Brasília: KLK Comunicação, 219 p. il.
- MEIHY, José Carlos. História memória ou simplesmente história oral? In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL**, 1994, Brasília. Anais... Brasília: UNB, 1994. p. 5-11.

SUGESTÕES para erradicação de habitações sub-humanas do D.F.: invasão do IAPI – Vila Tenório. In: **SEMINÁRIO DE SERVIÇOS SOCIAIS DO DF**, 1., ago/set. 1969. 22 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VASCONCELOS, José Adirson. **As cidades satélites de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. 370 p. il.(Série Cidades Satélites de Brasília).

INSTITUIÇÕES CONSULTADAS

- Administração Regional de Ceilândia
- Associação Comercial e Industrial de Ceilândia – ACIC
- Biblioteca Pública de Ceilândia Carlos Drumond de Andrade
- Câmara Legislativa do Distrito Federal
- Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central – CODEPLAN
- Companhia Energética de Brasília – CEB
- Companhia do Metropolitano do Distrito Federal – METRÔ
- Companhia de Saneamento do Distrito Federal – CAESB
- Federação do Comércio do Distrito Federal – FECOMÉRCIO
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
- Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Distrito Federal
- Secretaria de Estado de Infra-Estrutura e Obras do Distrito Federal
- Secretaria de Estado de Planejamento – SEPLAN
- Secretaria de Estado de Coordenação das Administrações Regionais – SUCAR

EQUIPE ARPDF

SUPERINTENDÊNCIA

Zeneide de Sousa Pantoja (Superintendente) – Luiz Fernando Corrêa Silva (Chefe de Gabinete) – Ailton Fernandes da Silva, Veruska Pfeifer Rachid, Virgínia de Fátima Gonçalves, Cláudia Regina C. F. Pereira.

DIRETORIA DE GESTÃO DOCUMENTAL

Carlos Almeida Cardoso (Diretor) – Joaquim M. Barros Neto, Anderson dos S. Ribeiro, Elizabete S. Oliveira.

GERÊNCIA DE INFORMÁTICA

Thilza Martins Ribeiro (Gerente), Paulo César Gusmão, Maria Genuína C. Martins, Cleverton de Jesus Silva

DIRETORIA DE PESQUISA

Sílvia Regina Viola de Castro (Diretora) – Helcy Fátima Bonifácio P. Nunes, Viviane Irene Fonseca Dornas, Clêmia Lucas B. Teixeira, Elaine Marly L. Lima, Lydia Fernandes Borges, Cláudio Márcio Almeida de Lima, Edinaldo Menezes Viana.

DIRETORIA DE ARQUIVO PERMANENTE

Luciana M. Rodrigues Gresta (Diretora) – Fabiana Marlia Bezerra, Rosângela Souza de Moraes, Adriana Gonçalves Silva, Elizângela Melo Borges, Luana Castelo Branco P. Cruz, Marcelo Gomes Durães, Rosângela Moura França, Sandra Suelene Torres, Paula Regina V. de C. Souza, Vani Rodrigues, João Xavier da Silva, Luiz José Borges Neto, Dalva Sousa do Nascimento.

DIRETORIA CULTURAL

Doranilde Maria D. S. Barbosa (Diretora) – Maria Auxiliadora Santana, Zeneide Mendes Pereira, Aldair Silva Couto, Ana Rogéria Martins Oliveira, Valda Maria de Queiroz, João Paulo Alencar Monteiro.

GERÊNCIA DE APOIO OPERACIONAL

José Leonardo C. Queiroz (Gerente) – José Cláudio Silva Ferreira, Justino Moura de Souza, Luiz Carlos M. Martins, Maria Aparecida L. Araújo, Maria do Carmo P. de Souza, Priscila Borges de Souza, Arquimedes Silva Costa, Sebastião Brun Filho, Fernando da Cruz Pereira, José Roberto Carlos da Silva, Edilcio de Oliveira Cruz, Emerson Rita Limeira, Leônidas Fernandes dos Santos, Josué José de Souza, Joselita P. de S. de Souza, Jomar Nickerson Almeida, Maria de Fátima B. Rodrigues, Maria da Conceição M. C. Pernambuco, Silvaneia Correia Pinheiro.

Arquivo Público do Distrito Federal



Secretaria de Cultura
do Distrito Federal